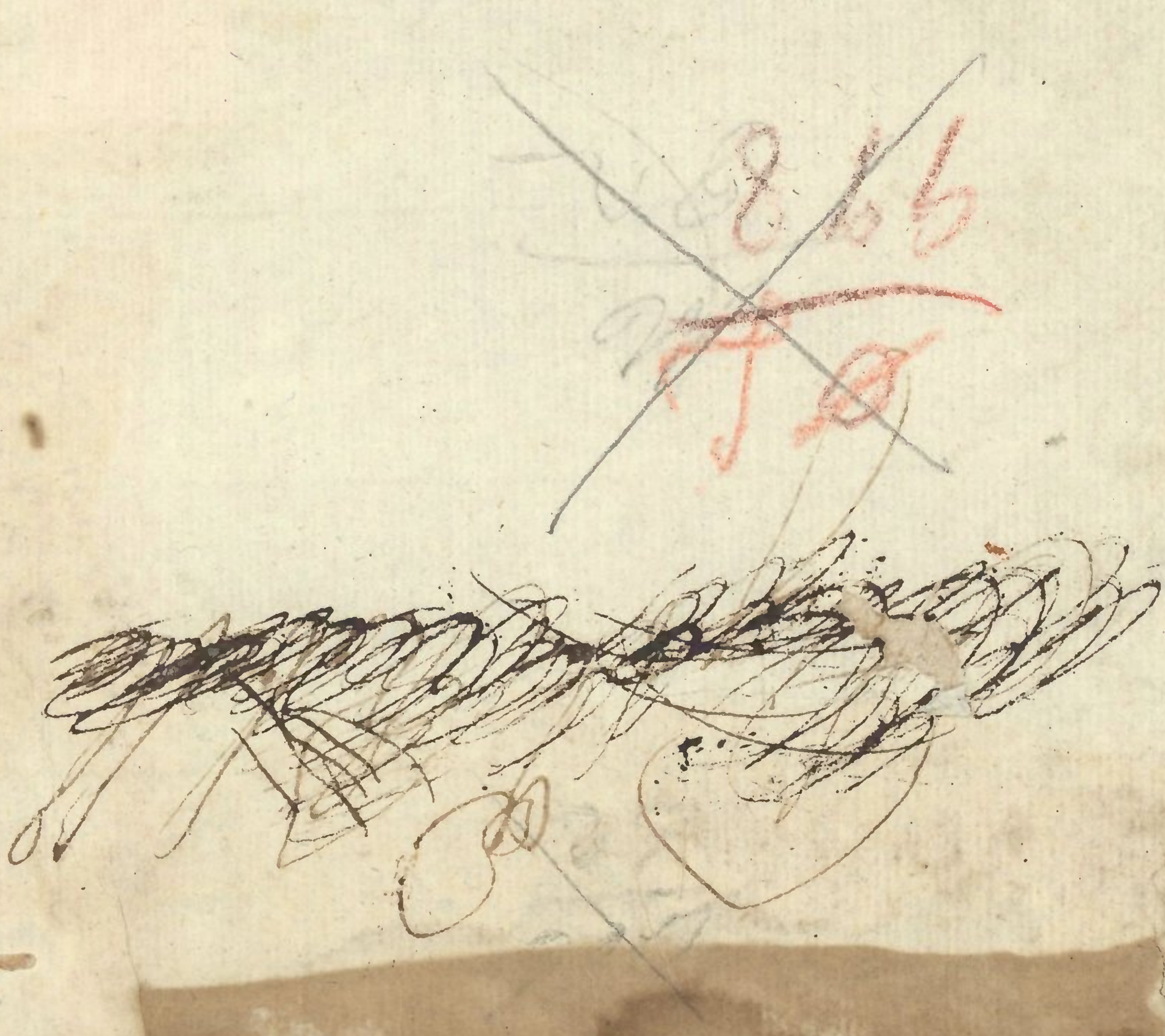


MEMORIAS FVNEBRES A MORTE DA SENHORA D. MARIA DE ATTAYDE.

MEMORIAS FVNEBRES. SENTIDAS

PELLOS INGENHOS
Portugueſes, na morte da ſenhora
Dona Maria de Attayde.

OFFERECIDAS

A SENHORA

DONA LVIZA MARIA DE FARO

CONDESSA DE

PENAGVIAM.

EM LISBOA.
Com todas as licenças neceſsarias na Officina Craesbckiana
Anno 1650.

RES.
6231 P.

MEMORIAS
HISTORICAS
PHILOSOPHICAS

Portuguezes, da morte da senhora
Dona Maria de Astrayde.

OFFERECIDAS

A SENHORA

DONA LIVIA

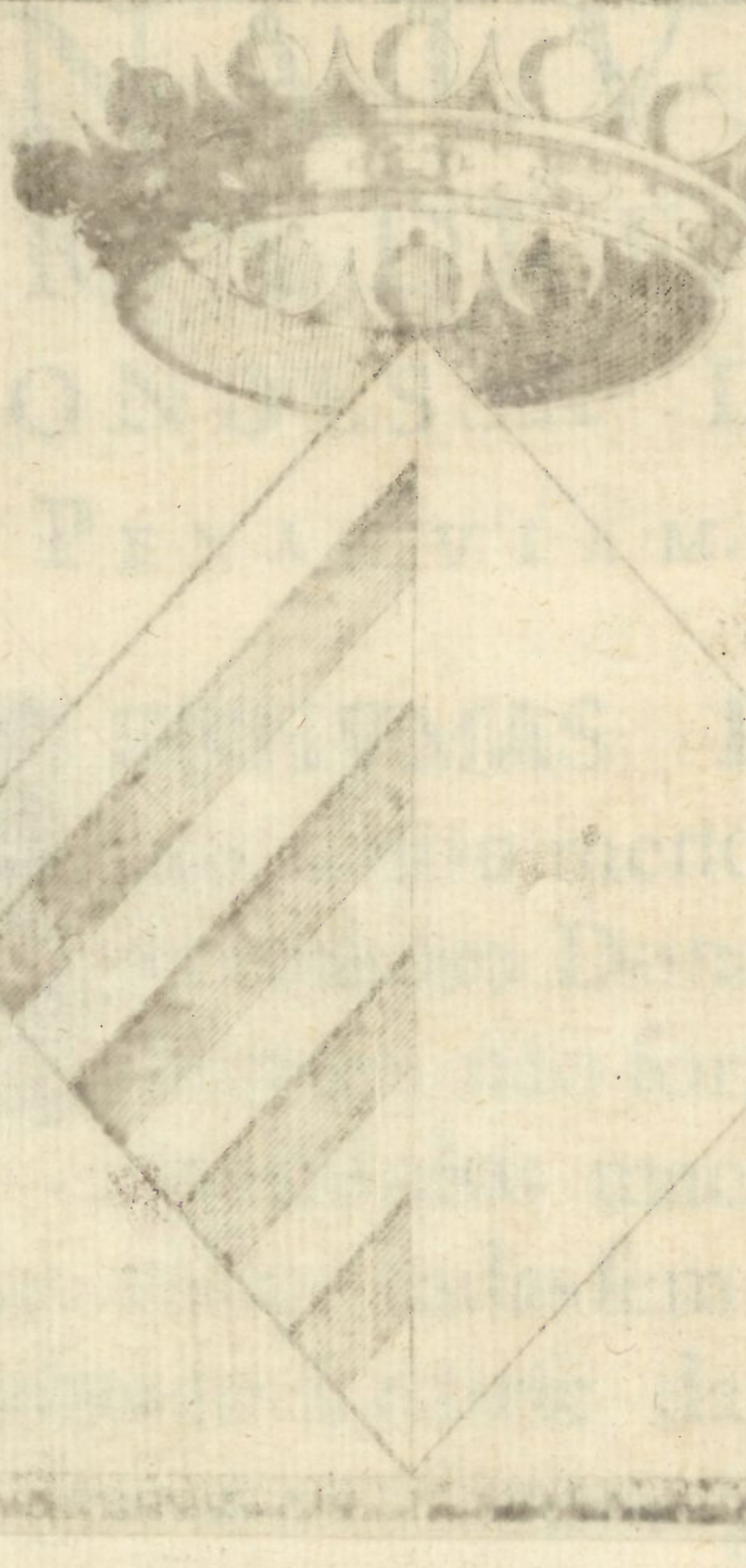
MARIA DE FARO

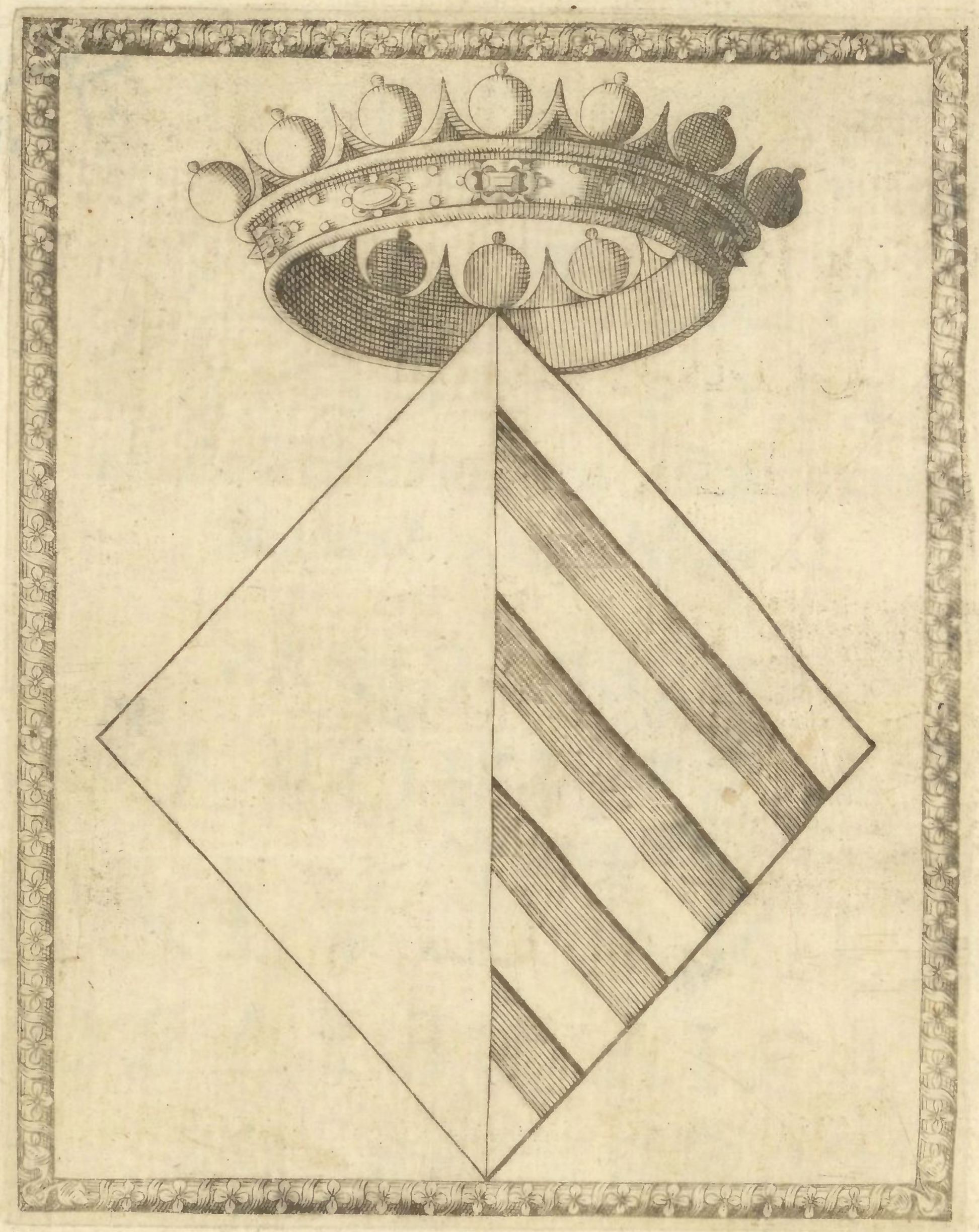
CONDESSA DE

PENAGUIÃO.

Consagrou-lhe o Author. Officina Craesbeckiana.
Anno 1670.

ucl 671469





A SENHORA DONA LVIZA MARIA DE FARO CONDESSA DE PENAGVIAM.



ENHVMAS LAGRIMAS achou menos a morte da senhora Dona Maria de Atayde; não forão as dos entendidos maes escassas, forão maes concertadas sem injuria da dor, souberão seruirse da armonia. Estes sentimentos escritos por penas differentes dedicão os ingenhos desta Corte a V.S. com nome de memorias, bem que pareça importuna lisonja ofe-

ferecer

ferecer pezares. Ignoraua o ſentimẽto valerſe do juizo, mas queixas que cauſou eſte accidente, não podião deixar de ſer diſcretas.

Não deixou a ſenhora Dona Maria outra couſa em que a vejamos viua, ſaluo a dor, & lembrança (laſtimoſas copias) de ſua auſencia. Neſſas ſe preſenta a V.S. diuididas em cada eſtampa deſte papel, como Sol, que quãdo paſſa a outro emisferio, encheo noſſo daquellas luzes menores, em que deſde ſeu occidente, por nos não deixar de todo, ſe multiplica. Lerà V.S. parte do original que perdeo, mas não o retrato inteiro: Como podia imitar a artè, o que excedeo à natureza tanto?

Para V.S. deſcançar do tragico das rimas, ſe lhe offerece a oração, q̃ diſſe

oP.

o P. Antonio Vieira: onde V.S.achará não sò motiuos para o aliuio, mas exẽplos para a conſtancia: tão efficazes a perſuadirem a V. S. que com os mais domeſticos eſcureceo os que venerarua a antiguidade; conhecendo o mundo em V.S.talẽto de ſeguillos, & igualallos. Deus guarde a peſſoa de V.S.

A O

AO LEITOR.

Foi a senhora Dona Maria de Atayde filha dos Condes de Atouguia, herdeira da nobreza, & virtudes de sua mesma Casa.

Seruio Dama à Rainha nossa Senhora, leuando ao Paço muita Corte, muita autoridade ao seruiço. Era formosa com tal descuido, como se o não quizera ser; discreta como se o não soubera. Os aplausos da Corte não parecia que os amana, se não que os permitia.

Frequentaua a lição dos liuros; & naquella idade das lingoas entẽdeo a Latina, & Toscana com tanta breuidade, que não esperou o ingenho a tardança dos annos. Logrando em abreuiados dias virtudes apenas adquiridas emhũa larga vida.

Enfermou aos primeiros de Agosto de 1649. descubrindo logo á febre indicaçoẽs mortaes. Foi assistida de Medicos, & Religiosos, huns com remedios, & outros com desenganos, que lhe

lhe enſinarão a deſprezar em annos verdes eſperãças illuſtres. Nos vltimos dias da doença, como fugindo de ſi para ſi meſma, do palacio ſoube fazer deſerto.

O perigoſo eſtado em que ſe achaua, deu logo ás Mageſtades cuidado, & depois ſentimento. Auiſarão à ſenhora Dona Phelippa de Vilhena Condeſſa de Atouguia, que deixando os banhos (donde aſſiſtia por Aya à cura do Infante Dom Afonſo) viesſe acompanhala: fanor que recuſou, mais fiel às obrigaçoẽs do officio, que ás maternas. Gratificou el Rey eſta fineza com honras mayores que ſeu titulo.

Eſpirou aos vinte & dous de Agoſto, deixando a Corte sò, o Reyno laſtimado. Foi leuado ſeu corpo a Enxobregas, enterro dos ſenhores deſta Caſa: acompanhado da nobreza, & pouo indifferentemente; hũs por reuerencia do ſangue, & outros da peſſoa.

O Conde Camareiro mòr lhe ordenou o funeral, & as honras na ſaudade as vltimas, na graudeza as primeiras.

LI(EN-

POr mandado do Conselho gèral do Santo Officio vi estas honras funeraes, & o Sermão de Exequias junto, & não achei cousa que encontrasse nossa santa Fê, ou bons costumes. Lisboa no Conuento da Santissima Trindade em 5. de Abril de 650.

O Doutor Fr. Adrião Pedro.

LI o liuro que se intitula, Memorias Funerais nas Exequias da senhora Dona Maria de Ataide, & não tem cousa que encontre a nossa santa Fé, ou bons costumes, & assim me parece se pode imprimir. Lisboa São Bento da Saude 8. de Abril 1650.

O Doutor Fr. Iorge de Carualho.

VIstas as informaçoẽs podese imprimir este liuro, que tem por titulo, Memorias funeraes, & depois de impresso tornará ao Conselho para se conferir com o original, & se dar licença para correr, & sem ella não correrà. Lisboa 8. de Abril 1650.

Fr. João de Vasconcellos. *Pedro de Silua de Faria.*

Francisco Cardoso de Torneo. *Pantaleão Rodrigues Pacheco,*

Diogo de Sousa.

Podese imprimir. Lisboa em 26. de Abril 650.

O Bispo de Targa.

Não

LICENÇAS.

NAõ acho inconueniente ao ſeruiço de V.M. em ſe imprimirem eſtas memorias funeraes; antes conſidero credito de Portugal ſer patria de hum ſogeito, de cujas ſombras nacem taes luzes; & tenho por acerto, que o eſpelho de tantas perfeiçoẽs o ſeja do maior deſengano. Lisboa 4. de Mayo. 1650.

Antonio de Souſa de Macedo.

QVe ſe poſſa imprimir eſte liuro, viſtas as licenças do Santo Officio, & do Ordinario que offerece, & não correrá ſem tornar a Meſa para ſe taxar. Em Lisboa a 7. de Mayo de 650.

D.P.P. Pinheiro. Meneſes.

ESte liuro eſtà conforme com o ſeu Original. Lisboa no Collegio de noſſa Senhora da Eſtrella. 5. de Dezembro. 1650.

O Reytor de Noſſa Senhora da Eſtrella.
Fr. Iorge de Carualho.

Pode correr eſte liuro. Lisboa 6. de Dezembro. 1650.

Fr. João de Vaſconcellos. *Pedro de Silua de Faria.*
Franciſco Cardoſo de Torneo. *Paſcoalcão Rodrigues Pacheco.*
Diogo de Souſa.

Taxado em 300 reis em papel. Lisboa 7. de Dezembro 1650.

D.P.P. Pinheiro. Pacheco.

AGNO QVI P. INTER LILIA

S.

H S. E.

Dom. Maria Ataydia.
Aulica Venus: Vrbana Siren: Ciuicum Astrum.
Extincta in flore ætatis : vltra ætatem
matura.
Vixit intra Lilia Lilium breue
Ostensa terris: debita Cælo: reddita Superis.
Ne si diu apud nos esset, ad nos sydera descenderent.
Noctem effudit oculis Sol: vt luceret: Nix pallorem
attulit: vt candicaret: Rosæ extinxerunt
ruborem: vt purpurarent.
Quæcunque sunt pulchra prouocauerunt mortem, vt
mortua illâ pulchriore viuerent.
Mortem non attulit natura: intulit inuidia. A forma
perijt; non peritura, si minus formosa.
Nec amisit formam, sed quod erat fragile in forma
deposuit.
Obruit puluere corpus indignata mens: non passura
socium, nisi immortale.
Sic expirant flores. Sic diffiatur puluis : sic nebulæ
soluuntur: sic bullæ euanescunt: sic vmbræ recedunt:
sic astra occidunt.
Vale. Æternumque vale.

P. Fr. Francisci de Macedo Historiographi Regij Latini.

ORAÇAM FVNEBRE

QVE DISSE O R. PADRE Antonio Vieira da Companhia de IESV, Pregador de Sua Mageſtade

No Conuento de S. Franciſco de Enxobregas nas exequias da ſenhora Dona Maria de Ataide.

THEMA.

Maria optimam partem elegit.

Luc. 10.

ESTAS palauras (que ſaõ de Chriſto por S. Lucas) cantaua ſolennemente a Igreja em 22. de Agoſto, que foi dia entre tantos funeſtos deſte anno, a cuja memoria, a cujo ſentimento, & a cujo aliuio ſe dedica o religioſo, & o humano deſta piadoſa acçaõ.

O meſmo dia, que nos leuou o aſſumpto, nos deixou o thema. Era a oitaua glorioſa da Aſſumpção da Mãy de Deos: felice dia para deixar a terra, fermoſo dia para entrar no Ceo. O dia da morte chamale nas Eſcrituras temeroſamente dia do Senhor : *Veniet dies Domini tanquam fur*. Ditoſa alma a quem cahio o dia do Senhor no dia da Senhora. Concorrer hum dia taõ temeroſo com hum dia taõ priuilegiado, grande argumento de felicidade! He opinião de Doutores piedoſa,& bem recebida,que em todos os dias conſagrados a algũa feſta da Senhora, eſtão mais franqueadas as portas do Ceo. Mas que eſte priuilegio ſeja particularmente concedido à mayor feſta de todas, que he a da Aſſumpção glorioſa, naõ tem sò a probabilidade de opinião,mas he couſa certa. Affirmao São Pedro Damião com graues exemplos. Atè neſta circunſtancia ſoube eſcolher Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit*. Principes ouue,que decretando ſentenças capitaes, deraõ a eſcolher o genero de morte, como Nero a Seneca. Se Deos quando decreta a morte, dera a eſcolher o dia, todo o mundo ſe guardara para morrer neſte. Que dia ſe pode deſejar mais fauſto para commeter a perigoſa jornada da outra vida, que em ſeguimento dos paſſos daquella Senhora, que para guiar he Eſtrella, para ſubir Eſcada, para entrar he Porta: Eſtrella da manhãa, Eſcada de Iacob, Porta do Ceo lhe chama a Igreja.

a Igreja. Quando os filhos de Israel caminhauão do Egipto para a terra de promissaõ, a ordem com que marchauão era esta. Hia diante a Arca do Testamento, em distancia de dous mil passos: seguiase logo o corpo de todo o exercito repartido, & ordenado em esquadroẽs: por fim (que este he o lugar que lhe daõ os Expositores) eraõ leuados em hum tumulo portatil os ossos de Ioseph. Este caminho dos Israelitas (que quer dizer os que vem a Deos) era figura da jornada que fazem as almas do Egipto deste mundo para a terra de promissaõ da gloria. Mas em nenhũa occasiaõ cõ tanta propriedade como nesta. Foi diante a verdadeira Arca do Testamento a Virgem Maria no dia de sua triumphante Assumpçaõ, que em tal dia nomeadamente lhe chamou Arca do Testamento Dauid: *Surge Domine in requiem tuam, tu, & Archa sanctificationis tuæ.* Seguiose logo em proporcionada distancia, quanto vai do dia à oitaua, naõ o corpo do exercito, mas o exercito d'alma. Hũa alma armada com todos os Sacramentos da Igreja, assistida dos Anjos, acompanhada das boas obras, seguida de tantos suffragios, & sacrificios, que outra cousa he, senão hum exercito ordenado, & terriuel? Assi lhe chamaõ, naõ sem admiraçaõ aquelles Espiritus sentinellas do Ceo, que desde suas ameas estão vendo subir hũa alma: *Quæ est ista, quæ ascendit terribilis vt castrorum acies ordinata?* Por fim de tudo (que tal he o

fim de tudo) rematase hoje esta pompa ,lorioſa, & inuiſiuel,no que só vem,& no que sô podm ver noſſos olhos, em hũas cinzas,& hum tumulo. Tambem aquelle tumulo,& aquellas cinzas vaõ caminhando, mas com paſſo tão vagaroſo, com moumento taõ tardo, que não chegaraõ ao Ceo, onde descança a alma, senão no dia da reſurreiçaõ vniurſal. Cedo as perderèmos de viſta para nunca mais agora ſaõ sò preſentes a noſſos olhos para noua cmiſeraçaõ, para vltimo deſengano, para perpetuo eemplo. A meſma Senhora,que jà tem dado a glon ao bemauenturado aſſumpto de noſſa oraçaõ, pçamos nos queira tambem dar a graça que hauemo miſter para fallar delle. *Aue Maria.*

Maria optimàm partem elegit.

DEu occaſião a eſta ſentença de thriſto hũa queixa piadoſa, mas taõ atreuid, que chegou a lhe tocar ao Senhor naõ menos ae no attributo de ſua Prouidencia: *Domine non eſt bi curæ?* Senhor não tendes cuidado? Caſos ſuccedm no mundo, que parece ſe deſcuida Deos do goerno delle, & ſe algũs dão a noſſa admiraçaõ mayors motiuos, ſaõ os da vida, & da morte. Eſta admiaçaõ introduzio no juizo dos homẽs o erro de fadbs,& de fortuna, que ſe bem entre nos perdêraõ a diuindade, ain da conſeruaõ os nomes; ſe repararmo com atten-

çaõ, quem morre he neceſſario muita fè para crermos ha prouidencia. Todo o motiuo deſta queixa foi ver Marta, que a deixara Maria, & que eſtaua cõ Deos. Tal he o motiuo que temos preſente, mas cõ mayores circunſtãcias de dôr, naõ ſei ſe diga de ſemrazão, & aſsi auemos de ouuir mais queixas, & mais queixoſas.

Em fim Maria eſtà com Deos: *Sedens ſecus pedes Domini*: deſatouſe dàs obrigaçoẽs, & cuidados do mundo, rompeo os laços da humanidade, deixou em ſoledade o ſangue o amor da meſma vida: *Reliquit me ſolam*. Contra eſte não eſperado apartamento temos tres queixoſas a modo de Martha, & não queixoſas de Maria porque o executa, ſenão de Deos porque o permite: *Domine non eſt tibi cura?* E que queixoſas ſaõ eſtas? A primeira he a Idade, a ſegunda a Gentileſa, a terceira a Diſcriçaõ. Paráraõ todas como Martha: *quæſtus, & ait*. E que conformemente ſe queixaõ! Corpo, & alma, & vniaõ he toda a fabrica do compoſto humano. Por parte da vniaõ queixaſe a Idade cortada, por parte da alma queixaſe a Diſcriçaõ emmudecida, por parte do corpo queixaſe a Gentileſa eclypſada. Chora a Idade o golpe, chora a Diſcriçaõ o ſilencio, chora a Gentileſa o eclypſe; porque não lhe valeraõ contra a morte, nem á Idade o mais florente, nem à Gentileſa o mais floràdo, nem à Diſcriçaõ o mais flòrido. Vamos quuindo eſtas queixoſas, depois

despois responderemos a ellas.

Primeiramente queixase a Idade contra a morte, & que justificada se queixa ! Dauid pasmaua de ver quaõ estreitamente lhe medira Deos a vida : *Ecce mensurabiles posuisti dies meos*, & viueo oitenta annos Dauid. Iacob chamaua a seus dias poucos, & maos: *Dies peregrinationis meæ parui, & mali*, & viueo cento & quarenta & sete annos Iacob. Iob assombrauase da breuidade com que se via caminhar à sepultura: *Dies mei abbreuiabuntur, & solum mihi supereſt sepulchrum*, & viueo duzentos & setenta annos Iob. Pois se a Iob, se ao espelho da paciencia, sendo tão largos seus dias, lhe parecem breues; se a Dauid, se á columna da fortaleza lhe parecem mal medidos: se a Iacob, se ao exemplo da constancia lhe parecem poucos, & maos: que razaõ naõ terà para queixarse hũa Idade tanto mais curtamente medida, tanto mais breuemente contada, tanto mais apoucada nos dias, tanto mais em flor cortada ? Se se queixão os oitenta, se se queixão os cento, & quarenta, se se queixão os duzentos, & setẽta annos, como se não haõ de queixar vinte & quatro? O morte cruel, que enganados viuem contigo os que dizem, que es igual com todos ! Temse acreditado a morte com o vulgo de muito igual, pello despeito com que pisa igualmente os Palacios dos Reys, & as cabanas dos pastores : *æquo pede pulsat pauperum tabernas, Regumque turres*. Que os palacios dos

dos Reys, por mais cercados que eſtejaõ de guardas, naõ poſſaõ reſiſtir às execuçoẽs da morte, bem o experimentou eſta vida. Iuſto era que àquellas portas, que taõ cerradas coſtumão eſtar ás verdades, lhe deixaſſe ao menos a natureza aberto eſte poſtigo aos deſenganos: Mas neſta meſma igualdade comete grãdes deſigualdades a morte. He igual, porque naõ faz exceiçaõ de peſſoas; he deſigual, porque naõ faz differença de Idades, nem de merecimentos. Matar a todos ſem perdoar a ninguem, igualdade he: mas tirar a vida a hũs taõ tarde, & a outros taõ cedo: deixar os que ſaõ embaraço do mundo, & leuar os que eraõ ornato delle; que deſigualdade mayor? Todos ſe queixão da preſſa com que corre a vida; eu naõ me queixo ſenão da deſigualdade com que caminha a morte. Notay: Appareceo hũa vez a morte ao Propheta Abacuch, & vio que hia andãdo no triumpho de Chriſto: *Anteſaciem eius ibit mors.* Appareceo outra vez a morte a S. Ioão no Apocalypſe, & vio que vinha picando ſobre hum caualo: *Et ecce equus, & qui ſedebat ſuper eum, nomen illi mors.* Appareceo terceira vez a morte ao Propheta Zacharias, & vio hũa fouce com aſas: *Vidit, & ecce falx volans.* De maneira, que temos morte a pê, morte a caualo, & morte com aſas. A vida ſempre caminha ao meſmo paſſo, porque ſegue o curſo do tempo. A morte nenhũa ordẽ guarda no caminhar, nem ainda no ſer. Hũas vezes

he hũa anotomia de oſſos, que anda; outras hum caualeiro, que corre; outras hũa fouce que voa. Para eſtes vem andando, para àquelles correndo, para os outros voando. Se a morte ou para todos andara, ou para todos correra, ou para todos voara, era igual a morte. Mas andar para huns, para outros correr, para mi voar! O morte quem te cortàra as aſas. Mas bem he que tu batas as aſas, paraque nos abatamos as rodas. Pintaſe a morte com hũa fouce ſegadoura na mão direita, & hum relogio com aſas na mão eſquerda. Se algũa hora foi aſſi a morte, troqueſe daqui por diante a pintura, que ja não he aſsi: *Ecce falx volans.* Tirou a morte as aſas do relogio da mão eſquerda, & paſſou as â fouce da mão direita; porque he mais apreſſada a fouce da morte em cortar, que o relogio da vida em correr. Ainda quando a morte não voa, corre mais que a vida. Aquelle cauallo em que São Ioão vio a morte, diz o texto na verſão de Tertulliano, que era verde: *Et equus viridis.* Quem vio jamais cauallo verde! mas era o cauallo da morte. Veſteſe eſte animal indomito da côr dos annos que corta, arreaſe das eſperanças que pila, pintaſe da primauera que atropella. Todos os annos eſtão fogeitos à morte, mas nenhũs mais que os que pareciaõ mais ſeguros, & verdes! Moſtrou Deos hũa viſaõ ao Propheta Amòs (que era homem do campo) & perguntoulhe que via. *Quid vides tu Amos?* Reſpondeo o

Propheta, Senhor, *vncinum pomorum*: o que vejo he hũa vara comprida (a que os ruſticos chamamos ladra) com que ſe colhe a fruita das aruores. Pois eſſa vara que vès, diz Deos, he a morte. Todo eſte mappa do mundo he hum pomar, as aruores hũas altas, outras baixas, ſão as diuerſas gèraçoẽs, & familias: os fruitos hũs mais maduros, outros menos, ſão os homẽs, a vara que alcança ainda aos ramos mais leuantados, he a morte: colhe hũs, & deixa outros. Ah Senhor! que eſſa he a morte como hauia de ſer, & naõ como he. Quem entra a colher em hum pomar, paſſa pelos pomos verdes, & colhe os maduros: mas a morte naõ faz aſsi, vemos que deixa os maduros, & colhe os verdes; & ja ſe colhera sò os fruitos verdes, colhera fruitos, mas a queixa minha he, que deixa de colher os fruitos, & colhe as flores: *Flores apparuerunt in terra noſtra, tempus putationis aduenit.* Appareceraõ as flores na noſſa terra, não lhe aguardou mais tempo a morte, appareceraõ, deſappareceraõ. Alerta flores, que a primauera da vida he o Outono da morte. A fouce ſegadoura que traz na mão, inſtrumento he do Agoſto, & não do Abril, mas armaſe aſsi com ardiloſa impropriedade a morte, ameaça ás eſpigas, paraque ſe deſacautelem as flores! hi tal crueldade! ha tal engano! Naõ me queixo do golpe, ſenão do tempo: *Flores apparuerunt, tempus putationis!* Que haja tempo de florecer, & tempo de cortar, he natural;

mas que o tempo de florecer, & o de cortar seja o mesmo! Que a Idade mais florida seja a mais mortal! Que a vida mais digna de viuer seja a mais sogeita à morte! E que haja imperio superior que domine este tyranno! Que aja prouidencia no mundo que o gouerne! *Domine non est tibi curæ?*

A estas queixas taõ justificadas da Idade, se seguem as da Gentilesa, naõ menos lastimosa, mas mais para lastimar. Por isso là Hieremias no pranto de Bethlẽ as lagrimas que ouuerão de ser de Lia, trasladou as aos olhos de Rachel; naõ porque ouuessem de ser mais sentidamente choradas, mas porque hauiaõ de ser mais lastimosamẽte ouuidas. Queixase a Gẽtilesa contra a morte, por conceder a tanto luzimento taõ breues dias, a tanta representação taõ pouco theatro. E pois as queixas da boca de Rachel saõ melhor ouuidas, seja Rachel a primeira allegoria destas queixas. Muito tenho reparado em quaõ desigualmente se ouueraõ com Rachel, quem lhe deu o ser, & quem lho tirou; Labaõ, & a morte. Pedia Iacob a Labaõ o premio dos primeiros sete annos q̃ seruira, & deulhe Labão a Lia em lugar de Rachel, allegando que Lia era a filha primeira, & que hauia de preceder. Teue paciencia Iacob, seruio outros sete annos, & em hũa jornada que despois fez de Bethel a Bethlẽ, morreo Rachel, & ficou sepultada no caminho, & Lia despois deste successo viueo ainda muitos annos.

Não

Não sei se notais a desigualdade. De maneira que Labaõ quando ouue de dar casa a hũa das filhas, reparou na prerogatiua dos annos, & precede Lia, & a morte quando ouue de dar sepultura a hũa das irmãas, naõ reparou nos priuilegios da Idade, & precedeo Rachel. Pois se se ha de dar primeiro casa a Lia, que a Rachel, porque tem mais annos Lia, porque se ha de dar primeiro sepultura a Rachel, que a Lia, se tem menos annos Rachel? He possiuel que Rachel para a casa ha de ser a vltima, & para a sepultura a primeira? Si, que isso he ser Rachel. Nas leys de Labaõ tem precedencia para a casa a mayor Idade: nas leys da morte tem precedencia para a sepultura a mayor belleza. Desde a terra atè o Ceo està estabelecida esta ley. Na terra a Rosa Rainha das flores he efimera de hum dia; toda aquella pompa branca, toda aquella ambiçaõ encarnada de que se veste, pella manhãa saõ mantilhas, ao meio dia galas, à noite mortalhas. No Ceo a Lũa Rainha das Estrellas, quem a vio chea retrato da fermosura, que logo a não visse minguante despojo da mudança? Quando resplandece com toda a roda, entaõ se eclypsa: quando faz oppoſiçoẽs ao Sol, então a encobre a terra. Ajuntese a fermosura da terra com a do Ceo, & na vniaõ de ambas veremos o mesmo exemplo. Transfigurouse Christo no Tabor, appareceraõ logo no mesmo monte com o Senhor Moyses, & Elias: *Eloquebantur*

quebantur de excessu, quem completurus erat in Hierusalem.
Ha tal pratica em tal occasião! Hũa vez que a fermofura de Chriſto quiz fazer oſtentação de ſuas galas, que logo os Prophetas lhe hajão de cortar os lutos? Si, & muito a ſeu tempo, porque a meſma fermoſura que via, era prophecia da morte em que falauão: *Loquebantur de excessu*: de hum exceſſo argüião o outro; que quem excedia tanto na fermoſura, naõ podia durar muito na vida. Quanto ſe diſſe no Tabor foraõ pregoẽs deſte deſengano. No Tabor fallarão os dous Prophetas, & fallou S. Pedro. São Pedro fallou como neſcio, porque cuidou que fermoſura taõ grande podia permanecer muito neſta vida: *Neſciens quid diceret*: os Prophetas fallarão como diſcretos, porque tanto que virão o extremo da fermoſura, logo derão por infalliuel o exceſſo da morte: *Loquebantur de excessu.* Antes ſe bem repararmos a meſma fermoſura de Chriſto no Tabor, foi a mayor confirmação de ſua pouca dura: Dizem os Euangeliſtas: *Reſplenduit facies eius ſicut Sol; veſtimenta autem eius facta ſunt alba ſicut nix*: que o roſto de Chriſto ficou reſplandecente como o Sol, & ſuas veſtiduras brancas como a neue. Fermoſura de neue, & Sol he grande, mas de dias breues. Quando o Sol ſe vê junto com a neue, faõ breues os dias do Sol; quando a neue ſe vè junta com o Sol, faõ poucas as horas da neue. Bem ſe vio: tanta neue, & tanto Sol que duraçaõ tiuerão? Sabeſe

que

que foi de hum sò dia, naõ ſe ſabe de quantas horas. *O neue derretida a rayos do Sol! O Sol ſepultado em occaſos de neue!* que larga materia de afinar a queixa offereceis neſte paſſo a minha oração; ſe eu tiuera naõ digo jà eloquencia, mas a confiança de hum Hieronymo, os que leraõ a Saõ Hieronimo, ou na conſolaçaõ de Iuliano ſobre a morte de Fauſtina, ou no Epitaphio de Paula a Euſtochio, ou nas memorias funebres de Marcella, & de Fabiola, ſei que haõ de culpar o humilde do eſtilo, o encolhido do encarecimento, o tibio, ou o timido dos affectos com que fallo neſte caſo. Mas como naquelles (poſtoq̃ naõ mayores) era outra a peſſoa que fallaua, & em outra lingoa, & a outros ouuidos, obrigame a mi a diſcriçaõ a que remeta ao ſilencio o enternecido deſtas queixas, paraque ouçamos o põderoſo das ſuas.

Queixaſe finalmente a diſcriçaõ (que ſempre a diſcriçaõ he a vltima em queixarſe) & tomara eu que ella tiuera melhor interprete para declarar cõ quanto fundamento ſe queixa. O mayor inimigo da vida quem vos parece que ſerá? O mayor inimigo da vida he o entendimento, taõ madraſta ſe ouue com o homem a natureza, que produzindo tantos antidotos nas entranhas dos animaes, dentro na alma do homem lhe criou o mayor veneno. Se buſcarmos a primeira origem da morte, na aruore da ſciencia pòs Deos o fruito da mortalidade; por onde os ho-

mens

mens quizeraõ ſer mais entendidos, por alli começaraõ a ſer mortaes. Atè no meſmo Deos teue lugar eſta terriuel cõſequencia. Ouue de encarnar,& morrer hũa das peſſoas diuinas, & porque mais o Filho, q̃ algũa das outras? A verdadeira razaõ ſabea Deos; eu sò ſei, que à peſſoa do Filho ſe attribue o entendimento, & que à peſſoa do Filho ſe vnio a mortalidade. Como o Verbo ab eterno procedeo por entendimento, ab eterno propendeo para mortal. Se iſto foi em Deos, que ſerá nos homẽs? Todos os homẽs ſaõ mortaes, mas o mais entendido mais mortal que todos. Naquella Parabola das dez Virgẽs as vodas ſignificão a morte; & he muito de notar, que ſendo cinco as entẽdidas,& cinco as neſcias, todas as cinco entendidas morreraõ primeiro. Entender muito, & viuer muito, ou no entendimento he engano, ou na vida milagre. A razão diſto a meu juizo deue de ſer, porque cada hum ſente como entende. Quem entende muito naõ pode ſentir pouco, & quem ſente muito, naõ pode viuer muito. O homem he viuente, ſenſitiuo, & racional. O racional apura o ſenſitiuo, & o ſenſitiuo apurado deſtrue o viuente. Mas como os homẽs igualmẽte amão a vida,& ſe preſaõ do entendimento, daq[illegible] vem que ſe perſuadem difficultoſamente a eſta triſte Philoſophia. Dezia Dauid a Deos: *Da mihi intellectum, & viuam:* Senhor daime entendimento, & viuirei. Ah Dauid,& como naõ ſabeis

o que

o que pedis, ſe quereis morrer, pedi embora a Deos que vos dè entendimento. Mas ſe quereis viuer, pedi-lhe que vos tire o entendimento que tendes. Naõ hauemos de ir buſcar a proua a outra parte. Vai deſpois diſto Dauid à Corte delRey Achis, tem noticia que o querem matar, & fazſe doudo. E bem Dauid, naõ ereis vos o que dizieis a Deos que vos deſſe entendimento para viuer, pois como agora para viuer vos desfazeis do entẽdimento? D'antes gouernauaſe Dauid pello diſcurſo, & agora pella experiencia. Pello diſcurſo parecialhe a Dauid que não hauia couſa para viuer como ſer entendido: mas a experiencia moſtrou deſpois a Dauid, que era neceſſario ſer deſentendido para viuer. E ſenaõ digao aquelle entendimento grande, do qual ſe temia mais Dauid, que dos exercitos de Abſalaõ. O mayor entendimento de todo o Reyno de Iudâ naquelle tempo era Achitofel, & de que lhe aproueitou a Achitofel o ſeu entendimento? De ſe matar com ſuas proprias maõs, por naõ querer ſeguir Abſalão a verdade de ſeus cõſelhos. De ſorte que he tal a oppoſiçaõ que tem entre ſi a vida, & o entendimento (principalmente nas Cortes) que ninguem os pode conſeruar ambos juntos; ou aueis de deixar o entendimento, ou aueis de deixar a vida; ou endoudecer como Dauid, ou mataruos como Achitofel. Se amais mais a vida, que o entendimento como Dauid, endoudeci; ſe amais

mais

mais o entendimento que a vida como Achitofel, mataiuos. Naõ ha remedio. Iá demos a razaõ diſto em quanto natureza, dêmola agora em quanto ſem-razão. Seja por hum exemplo. Entraraõ pelo horto os ſoldados q̃ vinhaõ prender a Chriſto; mete mão à eſpada S. Pedro, inueſte a Malcho, & fereo. Sempre reparei muito neſta inueſtida, & neſte golpe. Se Pedro quer defender a ſeu Meſtre, auance aos eſquadroẽs armados, inuiſta, & mateſe com elles, mas a Malcho? a Malcho, que naõ trazia na mão mais q̃ hũa lanterna com que alumiaua? Eis ahi como trata o mundo as luzes. Em apparecendo a luz, todos os golpes a ella. Em vez de arremeter aos que trazião as armas, arremete ao que trazia a luz, porque de nenhũa couſa ſe daõ os homẽs por mais offendidos que da luz alhea. Se vierdes com exercitos armados, *cum gladijs, & fuſtibus*, teruoshaõ quando muito por inimigo, mas naõ vos faraõ mal; porem ſe vos coube em ſorte a lanterna, ſe Deos vos deu hũa pouca de luz (ainda que naõ ſeja para luzir, ſenão para alumiar) foſtes mofino, apparelhai a cabeça, que ha de vir S. Pedro ſobre vos. Grande miſeria! Que nos offendaõ mais as luzes que as lanças, & que queiramos antes ſer feridos que alumiados? grande miſeria outra vez! Que nos moſtremos valentes contra hũa luz delarmada, & que em vez de tratarmos de reſiſtir a quem ſe arma, ſo nos armemos contra quem alumia! o deſgraciadas

graciadas luzes em tempo que tanto reinaõ as treuas. Mas no meio desta desgraça tão grande acho eu â luz duas razoẽs muito mayores com que se consolar. Os golpes que se attirarão às luzes, foraõ reprehendidos por Christo, foraõ attirados por Pedro; por Pedro, que antes desta acção tinha dormido tres vezes, & despois della negou outras tres. Sabeis luzes quem vos persegue: Quem dorme antes, & quem ha de negar despois: quem antes falta ao cuidado, & despois ha de faltar à fè. Cantará o galo, & verse ha certa a profecia de Christo. De tudo o dito se colhe, que quando vemos faltar ante tempo as luzes, ou porque morrem, ou porque as mataõ, ou porque se mataõ, naõ temos materia de espanto, postoque a tenhamos grande de queixa. De espanto não, porque este he o mundo: de queixa si, porq o gouerna Deos: *Domine non est tibi curæ?* He possiuel, Senhor, que tendes prouidencia, & que hão de viuer as treuas, & morrer as luzes? O necio sepultado nas treuas da ignorãcia ha de ter pazes com a morte; & o entendimento alumiado com as luzes da razão ha de andar em guerra com a vida? Ameaçando Dauid aos poderosos com o ineuitauel da morte, diz que os necios, & os entendidos todos auiaõ de morrer juntamente: *Cum viderit sapientes morientes, simul insipiens, & stultus peribunt.* Se assi fora, ainda era desigualdade: mas que a morte appressada seja attributo do entẽdimento, & a

vida larga attributo da ignorancia. Naõ lhe baſtaua aos neſcios hum attributo! Naõ lhe baſtaua ſerem infinitos no numero, ſenaõ tambem eternos na duração! Que no paraiſo dê fruitos de morte a aruore da ſciencia! E que no mundo a ignorancia ſeja aruore da vida! Que dentro de nos ſeja infirmidade mortal o entendimento, & que fora de nos ſeja delicto mortal o vſo da razão! Que ſendo o racional natureza, ninguem o poſſa ſer ſobpena da vida! E que eſtas injuſtiças da morte ſejaõ diſpoſiçoẽs da Prouidencia! *Domine non eſt tibi curæ?*

Temos ouuido contra as ſemrazoẽs da morte as tres queixoſas, que no principio lhe oppuſemos: mas vejo reparar a todos, que entre eſtas queixas, ſendo taõ naturaes, ſenaõ oução as do mayor affecto da natureza, as do amor materno. Digno he de reparo eſte ſilencio, mas mais digna de admiraçaõ, & memoria a cauſa delle. Naõ ſe ouuẽ, nem ſe ouuiraõ neſta occaſiaõ as queixas do amor materno, porque ſe portou nas mais apertadas circunſtancias della, taõ fino, que pareceo cruel; taõ generoſo, que naõ pareceo amor. Faltou âs diuidas da natureza, por não faltar âs obrigaçoẽs do officio, & aſsiſtio com tanta pontualidade donde ſeruia, que parecẽo q̃ aborreceo donde amaua. O raro exemplo de ſeruir a Principes! Seruir os Principes como Deos quer ſer ſeruido, naõ ſe pode chegar a mais. Diz Chriſto no Euangelho: os paes

que

que naõ aborrecerẽ a seus filhos não me podem ser-
uir a mi. He taõ encarecida esta doutrina, que tem
necessidade de explicaçaõ. Naõ quer dizer Christo
absolutamente que os paes aborreçaõ os filhos, por-
que os mandados diuinos não encontraõ os precei-
tos naturaes: mas quer dizer, que quando se encon-
trar o amor dos filhos com o seruiço de Deos, de tal
maneira se ha de acudir ao seruiço de Deos, como se
se aborreceraõ os filhos. Este he o mais alto ponto a
que Deos subio a fineza com que deseja ser seruido:
E tal foi neste caso a com que vimos seruidos os nos-
sos Principes. Chegou com a obra no seruir, onde
Deos chegou com o desejo em querer ser seruido. O
espirito generoso, & na mayor desgraça felice! Naõ
sei se diga que pudera estimar a occasiaõ, sò por lo-
grar a fineza. O certo he, que se pode pòr em duui-
da, se foi mais digna de enueja pelo que obrou, ou
de lastima peloque perdeo. Naõ se lè mais em seme-
lhantes casos, nem das Liuias, & das Rutilias, nem
das Paulas, & das Melanias, q̃ tanto honraraõ com
seu valor, hũa, & outra Roma a Gentilica, & a Chri-
staã. Mas se as matronas Romanas tiraraõ às Portu-
guesas o serem as primeiras, grãde gloria he de nossa
naçaõ, q̃ tirem as Portuguesas à Romanas o serem
singulares. O como se auia de perder neste caso o
juizo de Salamaõ! Se nelle dera sentença. Na demãda
das duas mãys sobre os dous filhos, morto; & vi-
o,

julgou Salamão, que a q̃ mais amaua era á verdadeira mãy, & acertou. Neſta controuerſia tambem auia de julgar, que o mais amado era o verdadeiro filho, mas enganaraſe, porque ſendo hum o aſsiſtido, & outro o deixado, o deixado era o filho, & o aſsiſtido naõ, ſaluo ſe diſſermos que ambos eraõ verdadeiros filhos; mas mais filho (& por iſſo mais amado) aquelle a quem ſe dà o enſino, que aquelle a quem ſe dera o ſer. Lembrame que pedindo hum filho a Chriſto licença para ir enterrar ſeu pay, o Senhor lha negou porque eſtaua em ſeu ſeruiço. Grande moralidade acho na deſproporçaõ deſtes dous *caſos*. No primeiro pede hum filho licença ao Rey para aſsiſtir á ſepultura de ſeu pay, & negalha o Rey; no ſegundo offerece o Rey licença á mãy para aſsiſtir à morte de ſua filha (& tal filha) & naõ aceita a mãy, mas tudo bem merecido. No primeiro caſo a imperfeição com que a licença ſe pedio, mereceo o rigor de ſe negar; no ſegundo caſo a benignidade cõ que a licença ſe offereceo, mereceo a fineza de ſe naõ admittir. O que grande vſura he nos *Principes* a benignidade! Sejaõ os Principes liberaes do que naõ cuſta nada, & ſerão os vaſſalos agradecidos no que tal vez doe muito. Em fim, iraõſe aqui emendadas as queixas de Martha. La antepunhaſe a ſoledade ao miniſterio, aqui antepoemſe o miniſterio à ſoledade. *Reliquit me ſolam miniſtrare.*

Mas

Mas acudamos jà pela prouidencia diuina, & reſpondamos ás noſſas tres queixoſas, que he tempo. A todas tres ſatisfaz Chriſto cõ a meſma repoſta: *Maria optimam partem elegit*. Naõ ſe queixe a Idade por cortada, nem a Diſcriçaõ por emmudecida, nem a Gentileſa por eclypſada, que para todas eſcolhe Maria a melhor parte. He verdade q morreo, mas por meio da morte eternizou a Idade, melhorou a Gentileſa, canonizou a Diſcriçaõ. Vede ſe tem razaõ de eſtar queixoſas, ou aggrauadas?

Primeiramente eternizou a Idade, porque cortala foi artificio de a eternizar. Dezia Iob: *In nidulo meo moriar, & ſicut Phœnix multiplicabo dies meos*: Morrerei, & multiplicarei meus dias; notauel modo de fallar! Parece q auia de dizer Iob: morrerei, & acabarei meus dias: mas morrerei, & multiplicarei meus dias: *moriar, & multiplicabo dies meos*! como pode ſer iſſo? o meſmo Iob diſſe como *ſicut Phœnix*. Reparai, diz Iob, que eu não fallo como homẽ, fallo como Phenix: o homem diz, morrerei, acabarei meus dias, porq com a morte acaba; a Phenix pelo contrario, diz morrerei, & multiplicarei meus dias, porq na Phenix o cortar a vida he artificio de multiplicar a Idade. Caleſe logo a Idade queixoſa, q naõ merece queixas, quẽ morre Phenix. Entre todas as mortes, sò hũa ha no mundo, que naõ ſeja digna de ſentimento, que he a da Phenix. Se a Phenix morrera para acabar, fora a ſua morte mais

laſtimoſa,& a mais digna de ſentimẽto ꝙ todas,porꝙ he vnica : mas como a Phenix morre para renaſcer, como a Phenix diminue a vida para multiplicar a Idade,não he digna de lagrimas a ſua morte, ſenaõ de applauſos:mas contra eſtes applauſos pode replicar alguem,ꝙ a noſſa Phenix ſe bem ſe conſidera,não multiplicou os dias,porꝙ perder os dias em hũa parte para os lograr em outra,he mudalos,naõ he multiplicalos; que bẽ acudio a eſta replica o meſmo Iob cõ a differença dos dias,*multiplicabo dies meos*; notai,ꝙ naõ diz, multiplicarei os meus dias, ſenaõ emphaticamẽte os dias meus. Os dias deſta vida naõ ſaõ dias noſſos,ſe foraõ noſſos tiueramolos em noſſo poder,& eſtiuera em noſſa mão logralos, mas eſtão em poder de tantos tyrannos, quantas ſaõ as miſerias da vida: ſò os dias da eternidade ſaõ dias noſſos, porque ninguem nolos pode tirar. Bem diz logo Iob,ꝙ eſte modo de morrer he artificio de multiplicar;porque perder os dias ꝙ ſaõ alheos para acreſcẽtar os dias que ſaõ meus, he verdadeiramente multiplicar os dias: *multiplicabo dies meos*.

Mas ſe eſtes dias ſaõ dias da eternidade, como ſe podẽ multiplicar ? A eternidade naõ admitte multiplicaçaõ. Eſſe foi o impoſsiuel que venceo o engenho da noſſa Phenix : cortar o paſſo à vida para acrecentar eſpaços à eternidade. A eternidade de Deos naõ pode crecer, a dos homens ſi. A eternidade de

Deos

Deos naõ pode crecer, porque he eternidade sem principio,& sem fim. A eternidade dos homẽs pode crecer, porq̃ aindaq̃ não tem fim,tẽ principio. Não pode crecer a parte post da parte dalem, mas pode crecer a parte antea da parte daquẽ. E assi, quanto se corta a vida, tanto se acrecenta a eternidade. Quiz tambẽ hũa hora o Propheta Micheas dar augmentos à eternidade,mas com licença sua não acertou: *Ambulabimus in vijs Domini in æternũ,& vltra*. Adoraremos, & seruiremos a Deos por toda a eternidade,& ainda mais alẽ; acertou o Propheta cõ o acrecentamẽto, mas naõ acertou cõ a parte : q̃ esse acerto ficou para a eleição de Maria: *Maria optimam partem elegit*. O propheta quiz acrecentar a eternidade pela parte dalẽ, & foi acrecentamento imaginario, Maria acrecentou a eternidade pela parte daquẽ, & foi acrecentamento verdadeiro. O Propheta quiz acrecentar a eternidade, & guardar a vida, Maria cortou pela vida por acrecentar a eternidade. Sò desta maneira podia pagar a Deos. O amor de Deos para comnosco, fallãdo neste sentido,tẽ duas eternidades, porque nos amou sem principio, & nos ha de amar sem fim. O nosso amor para cõ Deos tẽ hũa só eternidade, porque ainda q̃ o auemos de amar sem fim, amamolo cõ principio. E como Maria naõ podia pagar a Deos duas eternidades de amor cõ outras duas eternidades, deulhe hũa, mas essa acrecentada, acrecentou

à eternidade, toda a parte que tirou á vida *Optimam partem elegit*.

Tambem a Gentileſa naõ tem razão nas ſuas queixas, o morrer naõ foi perder, foi melhorar a fermoſura. O ſe a cegueira do mundo tiuera olhos para ver eſta verdade, q menos idolatradas forão ſuas apparencias. Appareceo hum Anjo a S. Ioão no Apocalypſe, & cõ ſer Aguia S. Ioão, cegaraõno tanto os rayos daquella fermoſura, q ſe lançou por terra para o adorar. Notauel caſo! S. Ioão naõ tinha viſto a Chriſto na transfiguração? naõ o tinha viſto reſuſcitado? naõ o tinha viſto ſubir ao Ceo cõ tanta gloria, & mageſtade? pois ſe a viſta glorioſa de Chriſto não cauſou eſtes effeitos em S. Ioão, como a viſta do Anjo o cega quaſi a idolatra de ſua fermoſura? Aqui vereis quanta ventagẽ faz a fermoſura do eſpirito à fermoſura do corpo. A fermoſura de Chriſto, andaq celeſtial, aindaque glorioſa, era fermoſura de corpo. A fermoſura do Anjo era fermoſura de eſpirito: & cõ a fermoſura de hũ eſpirito nenhũa comparação tem a mayor fermoſura do corpo. Virà tempo, & ſerá deſpois da reſurreição vniuerſal, quando a natureza humana reſtituida a ſua inteireza poderà gozar juntamente ambas eſtas fermoſuras; & ſuppoſto q antes de chegar aquelle termo naõ ſe pode gozar mais q hũa só, deſpirſe da fermoſura do corpo, por ſe reueſtir da fermoſura da alma, foi eſcolher das duas a melhor

parte,

parte, *optimam partem elegit*. O que admiraueis tranſformaçoẽs de fermoſura faz inuiſiuelmente a morte debaixo da terra! Os Chimicos não acharaõ atè agora a pedra philoſophal, porq̃ não fizeraõ enſayo nas pedras de hũa ſepultura. Fallando Deos a Abraham na glorioſa deſcendẽcia de ſeus filhos, hũas vezes cõparouos a pò, & outras a eſtrellas. Para lhe enſinar (diz Philo) que o caminho de ſe fazerẽ eſtrellas, era desfazeremſe em pò. Que cuidais que he hũa ſepultura, ſenaõ hũa officina de eſtrellas? Ainda a meſma natureza produz mayores quilates de fermoſura em baixo, que emcima da terra. As flores, fermoſura breue, criaõſe na ſuperficie, as pedras precioſas, fermoſura permanente, no centro. Iulgue agora a enganada Gentileſa ſe foi injurioſa a Rachel a ſepultura, ou ſe ſoube eſcolher Maria a melhor parte. Enterrouſe flor para ſe congelar diamante, desfezſe em cinſas para ſe formar em eſtrella.

Mas quando por meio da morte naõ alcançára a Gentileſa a melhoria da transformaçaõ, pergunto, & fora pequeno beneficio liurar por eſta via dos dãnos da mudança? Eſte engano apparente, a q̃ os homẽs chamão fermoſura, ainda tem mais inimigos q̃ a vida, cõ ſer taõ fragil. A vida tem contra ſi a morte, a fermoſura ainda antes da morte tem contra ſi a meſma vida: *Forma bonum fragile eſt, quantumque accedit ad annos ſit minor.* Os primeiros tyrannos da fermoſura

fão os annos, & a ſua primeira morte he o tempo. Debaixo do imperio da morte acaba; debaixo da tyrãnia do tẽpo mudaſe, & ſe alguem perguntar à fermoſura qual lhe eſtà melhor, ſe a morte, ou a mudança; não ha duuida que auia de reſponder, que antes morta, que mudada. A fermoſura morta ſuſtentaſe na memoria do q foi, a fermoſura mudada afrontaſe na memoria do que he. A victoria que da fermoſura alcança a morte, he hum rendimento ſecreto, cobreo a terra: a victoria que da fermoſura alcança o tempo, he hum triumpho publico, todos o vem, & trazer o epitaphio no roſto, ou tello na ſepultura, vai muito a dizer. Parece eſta razão demaſiadamente humana, mas Deos a fez diuina. A mayor fermoſura do mundo (ſem ſer afronta em hũ homem) foi a de Moyſes, tão grãde, que era neceſſario cubrir o roſtro cõ hum veo, paraq não cegaſſem os olhos q o vião. Morre Moyſes, ſepultao Deos cõ ſuas proprias mãos, *& non cognouit homo ſepulchrum eius*: & ninguẽ ſoube atè hoje donde eſtá a ſua ſepultura. Pois porque não quiz Deos que tiueſſem os homẽs noticia da ſepultura de Moyſes? A razão não he menos que de S. Agoſtinho: *Ne faciẽ quæ radiauerat, ſuppreſſam videret:* porq aquelle roſtro em que ſe tinha não viſto tãtos reſplandores, não ſe viſſe mudado. De maneira que occultou Deos o ſepulchro de Moyſes, não porque os homens o não viſſem morto, mas porque não viſsẽ a ſua fermoſura mudada,

mudada, morta ſi, mudada não, ninguẽ a hà de ver. Aſsi trata Deos a fermoſura a q̃ quer fazer o mayor fauor: & tão certo he o juizo do meſmo Deos, q̃ lhe eſtá melhor à fermoſura a morte, que a mudança. Chegada pois a Gentileſa humana àquelle termo preciſo de ſua perfeição, em que o parar he vedado, o crecer impoſsiuel, & o diminuir forçoſo, fazer treguas com a morte, por não ſe ſogeitar à tyrannia do tempo, ſenão foi eleger a melhor parte, foi ao menos aceitar o melhor partido: *Maria optimam partẽ elegit.*

Finalmente a Diſcrição não tem razão de queixarſe, porque ſe a morte a emmudeceo, a morte a canonizou. A Diſcrição verdadeira não conſiſte em ſaber dizer, conſiſte em ſaber morrer. Atè a morte ninguem ſe pode chamar com certeza neſcio, ou diſcreto. O vltimo acerto, ou o vltimo erro he o que dà nome ao juizo de toda a vida. Por iſſo Deos no principio do mundo approuando todas as creaturas sô ao homem não approuou, porque a approuação do homem eſtà ſempre dependendo do fim: *Non in exordio, ſed in fine laudatur homo*, diſſe S. Ambroſio: não ſe pode ſeguramente louuar o homem, nem quando começa, nem quando he, ſenão quando acaba de ſer. Em quanto não chegou o dia vltimo, eſtaua em opinioẽs a prudencia das dez virgẽs, aſſentou-ſe a morte na ſuprema cadeira, definio quaes erão as neſcias, & quaes as prudentes. Em nenhũa couſa ſe vè tanto o acerto

acerto da eleição, como naquillo que acertado hũa vez, não pode tèr mudança, ou errado hũa vez, não pode tèr emenda: *Maria optimam partem elegit*, elegeo a melhor parte, porque acertou a eleição de que pẽde tudo. Para proua desta vltima verdade, quero acudir a hum escrupulo, com que vejo me estão ouuindo desdo principio, ainda os ouuintes de mais delicada conciencia. A morte, de que fallamos, foi caso, não foi eleiçaõ, logo impropriamente parece lhe applicamos as palauras: *Maria optimam partem elegit*. Primeiramente digo, que o ser caso não impide ser eleição. No mesmo texto o temos; onde a Vulgata lè, *optimam partem elegit*: escolheo a melhor parte: o original Grego tem, *optimam sortem elegit*, escolheo a melhor sorte. Sorte he caso, & comtudo chamalhe o Texto eleição, *elegit*, porque não implica ser a mesma cousa caso, & ser eleição. Mas ha repostas, que saõ mais faceis de prouar, que de entender. Como pode ser eleição o que he caso? Ponhamos a questão em termos mais christãos. O que vulgarmente chamamos caso, he prouidencia; prouidencia nenhũa outra cousa he, que aquella disposição ordenada dos decretos diuinos; como pode logo ser eleição nossa o que he disposição de Deos? Respondo que por virtude da conformidade. Todas as wezes que nos conformamos com as ordens de Deos, fazemos que a eleição, que he sua, seja tambem nossa. Neste

sentido

ſentidò dizia Dauid: *mandata tua elegi:* Senhor, eu elegi os voſſos preceitos; nos preceitos elege quẽ manda, & não quem obedece: Dauid obedeccia; Deos mandaua, logo a eleição era de Deos; pois ſe a eleição era de Deos, como diz Dauid que he ſua: *mandata tua elegi?* Porque Dauid obedecendo conformauaſe com a vontade de Deos, & por virtude da conformidade a que era eleição de Deos, era tambem eleição de Dauid. Tal foi a eleição neſte caſo, ella voluntariamente forçoſa, como elle felicemente aduerſo: *Maria optimam partem elegit.* Foi eleição de Deos, & foi eleição de Maria. Em Deos foi eleição por prouidẽcia, em Maria foi eleição por conformidade, & em ambos foi eleição do melhor; em Deos porque eſcolheo para ſi a Maria, em Maria porque ſe foi para Deos, *optimam partem elegit.*

Sò poderà cuidar alguem, que eleger por conformidade ſerà algum imperfeito modo de eleição. Digo, & acabo, que mais perfeito modo de eleiçaõ he eleger por conformidade, que eleger por deliberação. Porque? porque quando elegemos por deliberação, queremos pela vontade propria; quando elegemos por conformidade, queremos pela vontade diuina. Quando eu elejo faço a minha vontade, quando me conformo, faço minha a vontade de Deos. E não pode auer mais perfeito acto que aquelle, em que Deos, & eu queremos pela meſma vontade.

tade. Não ha acção mais parecida ás de Chriſto. As acçoẽs de Chriſto erão diuinas, & humanas, pela vnião das naturezas, eſta acção he humana, & diuina pela transformação das vontades. Philoſophia notauel! que ſe acrecentaſſe o meritorio, onde parece que ſe diminue o voluntario. O ſacrificio mais voluntario, que ouue no mudo, foi o da morte de Chriſto: *Oblatus eſt quia ipſe voluit*. Comtudo he muito para notar, que ſe não attribue a morte de Chriſto principalmente â charidade, ſenão à obediencia: *Factus obediens vſque ad mortem*; pois porque mais à obediencia, que à charidade? Porque a charidade ſegue os impulſos da vontade propria, a obediencia ſegue a eleição da vontade alhea. E não era tão generoſo acto em Chriſto ſacrificarſe à morte por ſatisfazer a ſua vontade, quanto por ſe conformar com a diuina: *Non mea, ſed tua voluntas fiat*. Todas aquellas repugnãcias do Horto forão encaminhadas não a eſcular a morte, ſenão a apurar a conformidade. O que generoſo conformar! O que diſcreto morrer! Pareceo caſo, & foi eleição; pareceo força, & foi vontade. E ſe algũa couſa teue de repugnante, ou de violento, foi para dar circunſtancia ao merito, & eſſencia ao ſacrificio. Mude logo a Diſcrição a lingoagem, & dè graças à morte em vez de queixas, pois só namorte ficou calificada, & conſumada a Diſcrição, quando naquelle ponto, em que acaba tudo, & de q̃ depende

tudo,

tudo, entre o voluntario,& o preciſo, ſoube eſcolher Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*

Tenho acabado, & ſatisfeito, ſe me não engano, às noſſas tres queixoſas, mas ſe ellas tiuerão tempo para ſe queixar de nouo, & eu forças para dizer, & vos paciencia para ouuir,he certo que as queixas que fizerão tanto ſem razão contra eſta morte, as auião de conuerter todas, & com muita razão, contra noſſas vidas. O Idades cegas, o Gentileſas enganadas, ò Diſcriçoẽs mal entendidas! Viue a Idade como ſe não ouuera morte, viue a Gentileſa como ſe não paſſara o tempo, viue a Diſcrição como ſe não temera o juizo.O acabemos jà algum dia de ſer cegos. Ponhamos diante dos olhos eſtas imagens funeſtas, retratos de nos meſmos, que não ſem particular prouidencia nos mete Deos em caſa repetidamente. A penas ha caſa illuſtre em Portugal, que ſe não viſſe cuberta de lutos eſte anno, & ainda não he acabado. Ia que os parẽtes morrem para ſi, & para Deos, morrão tambem para nos. Deixemnos ao menos por herdeiros de ſeus deſenganos. Conſideremos que forão o que ſomos, que auemos de ſer o que ſaõ, que ali vai a parar tudo, & que tudo o que ali não aproueita, he nada. Se nos dá co[illegible]nças a [illegible]dade,reparemos [illegible]uão fragil he, & quão ſogeita ao menor accidente. [illegible]e a Gentileſa nos engana, deſenganenos hũa caueira, que he o que sòtem durauel a mayor fermoſura.

Se a Discrição finalmente nos desuanece, saibamos ser discretos, que he saber saluarnos. Là que tanta vida se tem dado ao mundo, & á vaidade, demos sequer a Deos essa vltima parte que nos restar, que sempre será a melhor, & desta maneira ficaremos escolhendo com Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*

A Oração funebre, nas exequias da senhora Dona Maria de Atayde, do Padre Antonio Vieira.

Do Conde de Castelmelhor.

DECIMA.

DVda el mas alto sentir
Qual mas se deua admirar,
Si tu diuino pensar,
Si tu no humano dezir:
Entre el viuir, y el morir,
Por tus raras aduertencias,
Se ven nueuas competencias,
Pues si la muerte alcançò
Tus alabanças, oyó
La vida tus excelencias.

Ad R. P. Antonium Vieira, in laudatione funebri clariſsimæ virginis D. Mariæ d'Atayde.

TETRASTICHON.

Proletho Mariæ orator celeberrimus orat,
Aptior hac Nymphæ ad funera nullus erat:
Scilicet hæc maior Nympharum dotibus, ille
Eloquio; Maria hæc: ille Vieira fuit.

P. Thomas Bartonus S. I. in Regio D. Antonij Collegio, Matheſeos Profeſſor.

AD EUNDEM.

HEXASTICHON.

Quæ nuper, fati rabie, defuncta iacebat
Virgo, marmoreo condita ſub tumulo.
Arte redẽpta Tuâ eſt, vivitq́, Vieyra, ſuperſtes:
Vis tãta eloquij eſt, ingenijq́ vigor!
Illa trium quondam, Te iudice, vicit honores;
At verò Tu, me iudice, vince Iovem.

Ioannes Suarez de Brito S. Th. Magiſter. Sedis Apoſtolicæ Protonotarius, Abbaſq; Rebordoſenſis.

SO-

SONETO.

FAbio, amanece el Sol, q̃ el Indo adora,
y el miſmo Autor, q̃ ſu eſplẽdor cõpuſo,
de ſu luziente vida el fin diſpuſo
por los fatales terminos de vn hora.

La noche le ſucede vencedora,
y el Sol apenas en el mar ſe puſo,
quando madruga del horror confuſo
en los candidos braços de otra Aurora.

Aſsi Amarilis, bello Sol, compone
de aqueſta breue noche, que padece,
que eterno dia ſu eſplendor corone.

Muere para viuir como merece,
y ſi en vn mar de lagrimas ſe pone,
en vn cielo de glorias amanece.

Antonio de Mello de Caſtro.

SONETO.

TAõ breue eſpaço, ò Lesbia, ſe caminha
neſta vida do berço à ſepultura,
que a primeira paſſada mal ſegura
aos vltimos eſtragos ſe auiſinha.

Olha eſſa pedra adonde eſcrito tinha
com ſangue a morte eſta ſentença dura,
que nella mudamente a fermoſura
com ſeguros auiſos te encaminha.

Aqui jàz Amarilis ſepultada
na flor da idade; naõ te cauſa eſpanto?
antes aos meſmos annos deſafias?

O deixa a ſegurança mal fundada,
que ſe pode só hum dia acabar tanto,
que haõ de fazer, o Lesbia, tantos dias?

Antonio de Mello de Caſtro.

SONETO.

DE vn cielo en otro cielo trasladada
oy nos mueſtra la eſtrella mas lutzida
la muerte en ſu belleza deſmentida,
ſi en nueſtro ſentimiento eternizada.

De ſu merecimento arrebatada
todas las vidas lleua en vna vida;
q̃ aun tardò para el premio la partida,
que fue para el dolor anticipada.

Diuidirſe las partes del ſugeto
que Amarilis murió nos aſſegura,
no admite tanta luz otro accidente.

Donde ſe perficiona lo perfeto,
qual ſerà la Deidad de vna hermoſura,
que el ſer mortal aun muerta no con-
(ſiente.

Franciſco Luis de Vaſconcelos.

SONETO.

SI Amarilis murio; ſi ſon verdaces
que faltan ſus alientos ſoberanos?
que pienſan diuertidos los hunanos,
viendo ſin duracion a las Deidades!

Si vemos caducar diuinidades,
ſin valer priuilegios ſobre humanos,
ſi atributos tan raros fueron vanos,
ò muerte adõde aſpirã tus cruedades!

Que al alma no ſe atreue tu locura
creerà la fè, mas la razon; no atino,
pues el alma murio de la hermoſura.

Tu que prodigios buſcas, peregrino,
nota eſte aſsõbro, eſte portẽto apura,
veràs que tambien muere lo diuino.

Bertolamen de Vaſconcelos.

SO-

SONETO.

SE queres entender eſte portento
do Fenix, tantas vezes celebrado,
agora, ò peregrino, o tens achado
neſte ſepulcro em que repara atento.

Olha eſſa pedra, & note o ſentimento,
olha eſſe Ceo, & veja o teu cuydado,
que ſe nas pedras o ſepulta o fado,
nas eſtrellas o moſtra o firmamento.

E poſto que parece que ſe eſconde
entre ardor que tirano, o peregrino,
pretendeo que a belleza ſe acabaſſe:

E ſe o incendio foi luzido, adonde
de Portugal o Fenix mais diuino
nas cinzas morre, & dētre as chamas (naſce.

Bertolameo de Vaſconcelos.

EPITAPHIO.

YAze en eſte ſepulchro venturoſo
que miras ſuſpendido, ò caminãte,
vna luz, que excedio lo mas brillante,
vna flor, que vencio lo mas hermoſo.

Yaze vn entendimento portentoſo,
vn objecto mayor de afecto amante,
vn exemplar de todo lo elegante,
vna occaſion de todo lo embidioſo.

Yaze vna ſuſpenſion del penſamiento,
vn aſſumpto capaz de heroica pluma,
vn exceſſo que en todo exceſſos pide.

Yaze vn motiuo eterno al ſentimiento,
mas paraque lo diga todo en ſuma,
yaze Doña Maria de Atayde.

Soror Violante do Ceo.

SONETO.

PAsso de firmamento a firmamento
Maria, prefuncion del ser humano,
pues passó del palacio Lusitano
a la esphera mayor del luzimiento.

En vano procurò su detrimento
de la Parca cruel la injusta mano,
pues subir al Palacio soberano,
fue cõseguir en todo eterno aumẽto.

Pero si con Deidades assistia
en la esphera de vn Ioue sin segundo
(q̃ es la mayor Deidad en mortal velo)

Que aumento superior conseguiria
la que assistia a lo mejor del mundo,
sino passando a lo mejor del Cielo.

Soror Violante do Ceo.

SONETO.

VEnceo a morte (o Fabio) a fermoſu-
Amarilis a bella he cinza fria, (ra.
procura Amor moſtrar q̃ o não ſabia,
& eſconde o caſo neſta pedra dura.

Occultar neſte marmore procura
eſta da morte ou gloria, ou tiran.a;
ſe quer a fermoſura idolatria,
não ſe ſaiba o que eſconde a ſepultura.

Se não for eſte tumulo às idades
miſterio occulto, & venerado medo.
acabouſe o reſpeito às Diuindades.

Mas que importa que o cale eſte penedo!
ſe ha de ſer ſempre altar de ſaudades,
& hão de eſtragar os votos o ſegredo.

O Doutor Antonio Barboſa Bicelar.

EPI-

EPITAPHIO.

NEste às idades tumulo eregido, (ta,
q̃ a luz do Tejo infauſtamẽte occul-
nota judicioſo o que reſulta
da fermoſura em pena de hauer ſido.

Hum portento, que fez pello entendido
a graça honeſta, a honeſtidade culta,
intempeſtiua morte aqui ſepulta,
em palidas reliquias conuertido.

Faltou da vida o paſmo das idades,
& reduzio cõſigo a breue eſphera
de Chipre as veneradas diuindades.

Se aqui chegaſte, Peregrino, eſpera, (des
& do imperio de Amor tres mageſta-
neſte ſagrado Tumulo venera.

Duarte Ribeiro de Macedo.

MADRI-

MADRIGAL.

SE os vltimos alentos em que teue
aura vital a vida fugitiua
principios saõ da morte succesiua;
aquelle instante breue,
em que passou da vida transitoria
a forma peregrina
de Amarilis diuina,
que foi da vida humana breue gloria,
morte não pode ser, he claro engano,
que do acabar cõmum forma o sentido,
foi da vida hum periodo entendido,
foi clausula final de ser humano:
A vida mais ditosa trasladada
hoje viue, incapaz de ser chorada,
que se motiua a morte os sentimentos,
Amarilis nos vltimos alentos
se vio tão accordada, & preuenida,
que só principios forão de outra vida.

Duarte Ribeiro de Macedo.

SONETO.

QViz ſer Roſa do Ceo o Sol da terra,
fez mar, & fez jardim da ſepultura:
no mar eſconde o Sol a fermoſura,
no jardim viue a planta que ſe enterra.

Quando no mar o Sol a luz encerra,
do liquido criſtal faz tumba eſcura:
quando ſe planta a flor na terra dura,
regada ſeus teſouros deſencerra.

Neſte tumulo triſte, cuja face
tanto Sol, tanta luz ao mundo eſconde,
dorme Sol, viue flor Dona Maria.

E pois Sol ſe traſpoem, & flor renace, (de
creça em mar, corra em fõte o choro adõ
tanto Sol morre, tanta flor ſe cria.

Vicente de Guſmão Soares.

SONETO.

NAõ me obrigues q̃ conte, ò Peregrino,
quanta luz neſte tumulo ſe eſconde,
que naõ ſou naõ aquelle marmore onde
ſem choro he lingoa o ferro diamantino.

Porem ſe inſiſtes, a teu rogo inclino
o obſequio, que com lagrimas reſponde;
bem que com toda a dor naõ correſpõdè
choro do humano a exequias do diuino.

Aqui ſe eclipſa o Sol, aqui a nobreza,
a diſcriçaõ, a graça, a honeſtidade,
a fermoſura, o garbo, a corteſia.

Queres beber de hũ golpe a mór triſteza?
lagrimas te preuenha a piedade,
ay que dor! Aqui jaz Dona Maria.

Vicente de Guſmão.

SO

SONETO.

Observa o dia da morte cõ alusaõ às palauras do Cantico: Ego flos campi.

QVãdo a sagrada Aurora a luz do norte
remontada da terra aos Ceos subia,
para outro paço, & corte onde partia,
leuou a flor do Paço, o Sol da Corte.

As flores que troncou de inueja a morte,
luzes renacem já de eterno dia,
que se a parte melhor foi de Maria,
tambem teue Maria a melhor sorte.

Dama do Paço sahe, & a desposarse,
nos Ceos leua a madrinha mais fermosa,
que nos Ceos, & na terra pode acharse.

Chamase o Esposo Flor, & Rosa a Esposa,
& para o despozorio celebrarse
sahio do Campo a Flor, do Paço a Rosa.

Lourenço Saraiua de Carualho Prouedor da Comarca de Beja.

SONETO.

D'Esse que admiras Tumulo aninado
de estrella tanta, claramente obſcuro,
noche es funesta de vn Luzero puro,
a mejor orisonte trasladado.

El occaso padece anticipado,
sin llegar al Zenith, ò mal seguro
humano luzimiento! ò siempre duro
contra las prendas proceder del hado!

En lo mas vil que puede reduzido,
lo que no pudo ser mas excelente,
tanto esplendor en sombras conuertido!

Mirando, si el comun, nueuo accidente,
que albor no se imagina anochecido!
que hermosura no teme su occidente!

Antonio de Miranda Enriques.

SONETO.

MArfisa estudio de las flores bellas,
si de la selua embidia floreciente,
aliento de la gala, dulcemente
por su Flora te amaban todas ellas.

Las que en el valle fueron ya centellas
de tu Sol deriuadas refulgente,
como te fuiste, y viues del ausente,
se lloran tristes, nubilas estrellas.

Mas ay que conociste aquel liuiano
buelo de la hermosura, aun mas amena,
del prado la lisonja, y el decoro.

Y con desden prudente (aunq̃ temprano)
te subes a gozar de la serena
eterna duracion, en siglos de oro.

Ioão Gomes de Serpa.

SONETO.

SI del prado, Marfisa, la hermosura,
si de las flores tanta copia hermosa,
te acclama Reyna, y te venera Diosa,
por deuda, por tributo, y no ventura.

Como a la sierra de celeste altura
te subes oluidada, y desdeñosa?
mas buscas otra esphera luminosa,
en que la eterna primauera dura.

Que breue me respondes, y que vano
es el verano deste valle escuro,
Si le mira vn desprecio generoso:

Y que logro ascender al soberano
clima suaue, donde en solio puro
eterno dura el bien, gusto, y reposo.

João Gomes de Serpa.

EPITAPHIO ACROSTHICO.

DONA MARIA DE TAIDE.

esta que admiras pompa luminosa,
motiuo acharàs, ò Caminhante,
o cõmum sentimento que elegante
muda terra explica saudosa.
ancando al suo giardino questa rosa,
l suo rico tesor questo diamante,
agion è ben c' hór mai piu non si vante,
n cambio de gioir, tutta doglioſa.
l consuelo se niega quexa tanta,
omando de la causa el argumento,
no medir la vida transitoria.
magina que goza da mais santa,
eh vedrai quanto ingiusto fu il lamento,
n darle en menos años mayor gloria.

O Doutor Pedro Garcia de Faria
Mestre Escola de Faro.

MADRIGALE.

LA Dona, in cui l'alma natura accolſe,
quanto di rico hauea,
de amor la bella Dea,
fuggi ſciolta, & ligera
a la beata ſchiera,
al Ciel alma fugace;
& en queſto marmo giace
de ogni belleza gia reciſo il fiore,
de ſue ricchezze impouerito Amore.

Duarte Ribeiro de Macedo.

MADRIGALE.

QVì giace, ò peregrin! sepolto il Sole
de due luce diuine al mondo Sole,
belezze d'Amarylli:
tomba l'é dunque il mar de nostro piãto,
da le cui acque in tanto
de mille raggi adorno,
al Ciel rimenerà piu chiaro il giorno:
cigni voi, que piàgnesti al Sol estinto
de fatali ombre cinto,
spiegando il canto con accento grato
Fenix celeste le cantai rinato.

De Andre de Castillo Lobo.

SONETO.

AQuelle bello Sol, que amanhecia
em dous fermoſos olhos diuidido,
aonde em puros raios accendido
Amor (indaque cego) ſempre ardia.

Aquella Roſa humana, aonde abria
da fermoſura o fauſto mais luzido,
que entre as flores em trono merecido
exercitaua illuſtre monarchia.

Eclipſouſe, murchouſe; que enuejoſo
o Sol, emula a Roſa, conjurados,
ordenaram a morte à melhor vida.

Mas erraraõ o golpe riguroſo,
que eſtà (liure de enuejas, & cuidados)
em melhor Sol, & roſa conuertida.

Do Doutor Manoel da Nobrega.

SO-

EPITAPHIO.

NO piſes, peregrino, inaduertido
eſte marmol, q̃ eſcura, dentro encierra
la luz, a que fue eclipſe poca tierra,
tierra que fue animada, Abril florido.

Buelta en ſombras la luz, a tu ſentido
Aſſombre; conociendo quanto yerra,
no viẽdo que la muerte haze màs guerra
entre ſombra, qual Aſpid eſcondido.

Reprime en reuerencia pues la planta,
no piſe eſta ceniza ya vaſia
de la flor, que fue llama de luz tanta,

Y aduierte, que ſi fragil florecia
qual heno, vn breue ſoplo le quebranta
la flor al heno, que en la luz ardia.

O P. Frei Gil de S. Bento.

SONETO.

MEnos que naõ morrendo, não podia
efte prodigio raro de belleza
dar lugar que pudeſſe a natureza
marauilhas obrar na galhardia.

Os raios com que o Sol dà luz ao dia,
mais luzes oſtentaraõ *neſta* empreza,
nas conquiſtas amor menos grandeza
com faltarlhe o poder à Monarchia.

Obre a natureza muito embora,
campee a luz do Sol neſte emisferio,
ſinta Cupido taõ fatal ruina.

Que Amarilis nos Ceos adonde mora
paſſou de ſer eſtrella a ſer Luzeiro,
como de ſer humana a ſer diuina.

Frei Hieronymo de Moura.

SONETO.

A Quem ha de pedir, a quem agora
a Primauera alento para as flores?
graça, viueſa, ſuauidade, & cores,
cõ q̃ o prado ſe ri, quando o Ceo chora?

Para veſtir a roſa de ſenhora,
quem lhe ha de dar os regios reſplãdores?
quem para o crauo de Carmin fulgores?
ambar para os jazmins, riſos de Aurora.

Ia naõ veremos não que a Primauera
poſſa enfeitar as flores hum sò dia,
porque tudo da morte ſinta aggrauos.

O morte intempeſtiua, o morte fera?
que enfim como morreo Dona Maria
naõ ha flores, jaſmins, roſas, nem crauos.

O P. D. Proſpero.

MADRIGAL.

ILluſtre Sol naceſtes
Clariſsima Maria,
& quando amanhecieis vos puſeſtes.
Mas ſe o curſo acabais, antes que o dia,
do deſtino he cautella,
porque viueſſeis, & morreſſeis bella,
que cauta não conſente
expor a Natureza
às vinganças do tempo eſſa belleza;
E ſe o claro Oriente
luſtraſtes de Atayde,
o Occaſo hum Ataude foi, que a ſorte
nũa letra diuide
glorias da vida, & illuſoẽs da morte.
Mas ſeja paga, em naõ cõmum concento,
à voſſa morte, noſſo ſentimento:
voſſa belleza deue
a voſſa morte, mais que a voſſa vida,
pois foi (mas ſempre para Sol naſcida)
da vida, conduzida a eſplendor breue,
da morte, a eternas luzes conduzida.

Simeão de Azeuedo, & Faria.

Sur la mort de Madamoyselle D. Marie d'Atayde, fille de feu Monsieur le Comte d'Atouguie, & fille d'honneur dela Sereniſsime D. Louiſe de Guſman Reyne de Portugal.

SONNET.

CE que l'Amour auoit, de charmant, & d'aymable,
ce que la terre auoit, de plus rare, & diuin,
eloisgnè de nos yeux, pour vn fatal deſtin
Mit dedans ce tombeau, la Parque inexorable.

O toy, paſſant, qui vois, la perte irreparable,
qui nous cauſe l'aſpect de cet Aſtre malin,
Par larmes, par ſanglotz, & par ſouſpirs ſans fin,
temoigne la douleur, d'vn mal inconſolable.

Mais non, ne pleures point, la rigueur de nos maux,
puis q̃ les plus grands pleurs, ne ſcauroiẽt eſtre egaux
Eſtant infinement, ou deſſoubs de leur ſort:

Car le ciel, enuieux de nous, l'ayant rauiè
elle jouit en fin, quoy qu'aupris de ſa mort,
dans l'Empire Azurè d'vne eternelle viè.

Manoel Fernandes Vilareal.

SO-

MEMORIAS

Sur la mort de Dona Maria de Tayde fille du Conte de l'Atouguie, & vne des filles de la Reyne.

CE Soliel des beautés qui se leue, & qui tombe
Ses saisons de nos Coeurs par son cours variant
Vient de precipiter son couchant en la tombe,
Pour esclairer le Ciel d'vn nouuel Orient.

Destins qui des amours auez ronpu les armes
A morty les flanbeaux, & esmousse les dards
Laisses nous pour le moins lexercice des larmes,
Puis que vous nous ostiz *l'vsage* des regards.

Les Dieux voudroient soster leur nature eternelle
Pour mourir de regret au pied de leur autels.
Mais quoy les dieux *rendront la douleur* immortelle,
Sy la douleur ne peut rendre les dieux mortels.

Há, sy la Parque cusi ou des yeux ou des oreilles
Pour entendre nos oris ou voir cette beautè
Elle neust pas estint ces mourantes merueilles,
qui touchoiens de Pitiè la mesme Cruautè.

Non, non elle la vid, veue helas malheureuse,
Puis que lame delautre a reflecty leffort
La mort voyant ses yeux en deuint amoureuse
Lá nour ne le voyant en est deuenu mort.

Sa Retraite eſt au Ciel qui fuſt ſon origine
Dou venoient ſes beautez, ſes meurs ſon jugement
Son humanité meſme eſtoit toute diuine
Nayant rien de mortels que la mort ſeulement.

Pour ſes perfections qui n'eſtoient pas bornees
La durce, & les jours ſont bien toſt limités,
Le Ciel luy eſt autant auare des annees,
Comme il luy fut ſa dite prodigue de beautés.

Maite il nous la rauit parce qu'eſtant limage
Que de ſoy meſme il fit iuſques au dernier trait,
Comme Pigmoleon il ayme ſon ouurage,
Comme vn otre narciſe il ayme ſon portrait.

Auec mille regretre toute la cour s'eſtonne,
Que ſes rares beautez periſſent en ce tempe,
Et que jeune elle ayſt veu moiſſonner en antonne.
Par lhyuer de la mort les fleurs de ſon printemps.

Mais la terre la couuerte, & la tombe lenſerre
Au temps quon va ſemant les grains plus precieux,
Car les Dieux ont ſemè ſes beautez en la terre,
Pour aller toſt apres les recuiller aux Cieux.

MEL-

MELPOMENE

Iunto ao Tumulo da senhora Dona Maria d'Atayde lamenta suas magoadas saudades nesta

ODE.

DOnde te fosste, donde
querida saudade?
que Amor he que te aproua essa partida
saudade querida?
Que mar? Que terra? Que ar? Que fogo? esconde
d'aquelle Sol, aquella claridade
logo pella manhãa anoitecida?

Ay que ao Ceo te subiste
de não caber na terra!
mas porque donde estàs te não mostraste?
serà porque notaste,
que esta amargura que entre nos asiste,
sem reparar que he gloria a que te encerra
mil culpas te ha de dar porque a deixaste.

Cà no mundo contigo
do Ceo pouca enuejosa

a vontade viuia ſatisfeita,
da gloria foi ſoſpeita,
do Ceo temor, da terra foi caſtigo,
leuar da terra ao Ceo a luz fermoſa,
porque a terra ſem Ceo naõ foſſe aceita.

Se importa que te auſentes
à perfeiçaõ ſublime,
vay tu, mas vamos nós; nada pereça:
noſſa falta mereça
não menos beneficios diligentes.
Quem quer que a alheia dor tanto ſe eſtime,
& a propria dòr junto ao remedio eſqueça?

Tem Sol, tem Lua, & Eſtrellas
eſſa eſphera Celeſte;
nòs, a ti sò; & em ti nos leuão tanto!
Agora, veràs quanto
là te aualião mais do que elle, & ellas;
pelloque nos tiraſte, & que lhes dèſte
a nós de reſplandor, a elles de eſpanto.

Sem ti o mundo eſcuro,
parado o tempo vejo,
o goſto, a vida, a for-, a fermoſura,
ò que bem, que ventura?
fora de quanto em ti viueo ſeguro,

que

que ou morto ao tormento, ou do deſejo,
contigo o ſepultâra a ſepultura.

A vida que te falta
em todos nos ſobeja,
quem pudera fazer que ao reuès fora!
de que nos ſerue agora?
& pois a morte jà voou tão alta,
contra todos os mais as azas reja:
acabenos hum caſo, hum golpe, hum ora.

Mas em quanto eſquecido
o Ceo ſe moſtra ao rogo,
pella ſeueridade, ou pella gloria,
de alcançar tal vitoria:
Sobre as azas da fè, ferro o gemido,
dores a lenha, lagrimas o fogo,
por victima recebe eſta memoria.

Dom Franciſco Manoel de Mello.

ODA FVNERAL.

1.

SVbioſe a las eſtrellas
a coronarſe de diademas bellas
ſoberbia torre altiua,
pareciendo del ſuelo fugitiua;
con altas preſunciones
fixaua en las eſferas ſus blaſones,
haſta que (el tiempo fuerte
almenas deſtroçando) viò ſu muerte,
la que ſiempre arrogante
ligó jazpe, vnio bronze, y fue diamante,
y con lenta ruina
chapiteles, y bazes auecina,
donde con muda trompa
fue eſtrago, negó luz, y perdio pompa.

2.

CAlada la vizera
regiſtra al Sol, el Aguila altanera,
y rayo a rayo beue
nueuos alientos, con que màs ſe atreue,
pues con ſus vñas graues
emplumado Pyrata es de las aues:
coronada garçotas
ſigue en los ayres las volantes flotas,
y entre ellas ſoberana
gira ayroſa, alta buela, y ſube vfana:
mas ay, que malograda
ya de ligera bala traſpaſſada,
al eſtruendo deſpierta
vió el golpe, gemio triſte, y cayò muerta.

3.

ARa el pielago vndoſo,
(bien a pezar del Euro proceloſo)
ligera naue vſana,
pues de flamulas tantas ſe engalana,
que brincando las olas
burla del agua ſon ſus banderolas,
y burla de los vientos,
ſolo por dominar los elementos;
y aſsi con pompa rara
corre agil, leue ſurca, y graue para:
mas ay, que eſcollo ignoto
le hizo tocar vn deſgarrado Noto,
donde en cruel vaxio
vió peñas, rompiò tablas, perdiò brio.

4.

ARbol hermoso, que era
galan florido de la Primauera,
y en delicia del prado
siempre de sus fragrancias cortejado,
que en su esmeralda verde
el fruto logra, si las flores pierde;
agora buelto en nada
mustio le tiene la menor elada,
al que en su lozania
fue gala, vertio olor, y dio alegria;
y con agudo yelo
es cadauer tendido por el suelo,
y assi seco, y postrado
mudo habla, poluo yaze, y llora elado.

5.

LA màs inchada nube,
que a retocarſe en lineas de oro ſube
a la eſfera mas alta,
bañada en luz, porque de luz ſe eſmalta,
es efimera breue
ſi la antorcha del Cielo ſe le atreue:
en iluſiones pàra
la que cortina fue del Sol preclara,
y la que ſin vltraje
fue trono, fue vidriera, y fue zelaje,
lamida de los rayos
del claro Sol, fenece en ſus deſmayos,
y en pedaços troncada
cae rota, huye ſombra, y muere nada.

6.

DE la hermosa Maria,
tal fue la vida, tal la gallardia,
tal la fuerte contraria,
ya fragil, ya caduca, ya voltaria;
però en dichosa fuerte,
pues muriò, por ganarse con la muerte;
para que exemplos borre
de arbol, Aguila, naue, nube, y torre;
que en vano dan desmayos
tiempo, balas, escollo, escarcha, y rayos,
a la que trasladada
a màs alto sitial, a mejor grada,
sin mortales desuelos
huella Astros, pisa esferas, logra Cielos.

O Mestre de Campo Diogo Gomes de Figueredo.

CAN.

CANC, AM.

E Spirito gentil que ao Ceo voaſte,
rotos os laços onde eſteue preſa
por breue eſpaço taõ illuſtre vida,
rindote eſtàs da pompa, & vam grandeza
do mundo, & da morte que deixaſte
de admirauel belleza enriquecida:
ao grande Sol vnida,
de quem hum rayo foi tua fermoſura
com outras virgens bellas
tornada immenſa, & pura
neſſes campos do Ceo piſas eſtrellas,
neſſes jardins da longa eternidade
colhes as flores da perfeita idade.

Nos deſpojos, que em vrna eſcura, & breue
a morte recolheo, nos repreſenta
quam fragil, & caduca he a ſorte humana,
bem pudera da morte ſer iſenta,
quem tantas perfeiçoẽs na vida teue
de belleſa, & virtude ſoberana:
mas ah quanto ſe engaña
quem tem por morto ao Sol, quando eclipſado
do roſto a luz encobre,

o humano ſer mudado
noutro diuino ſer tanto mais nobre,
en ti eclipſe foi, pois naõ morreſte,
trocando em melhor vida a que tiueſte.

Ia liure de temor, & de eſperança
teu nobre eſprito de alta gloria cheyo
embebido na bella luz do roſto
do Sol Diuino gozas em ſeu ceyo
os ſegredos, que a viſta naõ alcança,
em gloria deſigual com igual goſto:
& o penſamento poſto
em contemplar as obras, & as grandeſas
de tão diuino objeito,
juſtamente deſpreſas
quanto ama o mundo a tanta gloria eſtreito,
& ali á eterna luz qual Aguia chegas,
& na eſſencia diuina a viſta empregas.

Se no Empirio aſſento, aonde ſubiſte,
a branda ſaudade entrar pudera,
que em ſuſpiros, & lagrimas ſe acende,
pode ſer que a lembraça te mouera
daquelle amor, que em nos tão puro viſte:
mas pois o ſer diuino te defende,
das memorias que rende
a tuas perfeiçoẽs o ſentimento,

raſaõ ſerâ que acabe
co a vida o ſofrimento,
que tanta magoa,& dòr jà em nos naõ cabe:
& trocaremos com ditoſa ſorte
a vida triſte por alegre morte.

Cançaõ naõ mais, que vejo que te enleas
nas linhas do intricado laberinto
da gloria que imagino, & dòr que ſinto.

O Doutor Luis Pereira de Caſtro, do Conſelho de eſtado de S. Mageſtade, Embaixador eleito à Corte de França.

CAN-

A Fa-

CANC, AM.

A Marilles, que o prado
em graça, & biſarria
pompa acclamou da leda Primauera,
deſpojo he já do fado;
barbara tirania,
ruſtico proceder da morte fera,
que as Auroras numera
com tão ſuccinto calculo, que apenas
as brancas Açucenas
em que Amarillis ria,
deixou aplauſo ſer da luz do dia.

A ſingular belleſa,
que do poder mais forte
era de Amor deſpreſo, & vituperio,
breuiſsima interpreſa
dos aſſaltos da morte
exemplo jaz de ſeu cruel imperio:
eſcondido miſterio,
eſcuro enigma, que à razão ſe nega
naſcer a noite cega,
cóm palidos deſmayos,
do melhor Sol dos mais luzentes rayos.

A fa-

A fabrica mais alta,
a maquina mais bella,
que a Idea formou, onde não teue
que cenſurar a falta,
que encubrir a cautella,
aſſombro do criſtal, temor da neue,
ludibrio agora leue
do Zefiro, que em nuuem as cinzas ergue,
moſtra que a breue aluergue
reduz a morte dura
o titulo mayor da fermoſura.

Aſsim corta o delirio
do laurador groſſeiro,
que com ruſtica maõ rege o arado,
no campo o branco Lirio,
primogenito herdeiro
das flores, que o Abril vne em morgado,
Aſsim do principado,
que em purpura veſtida a freſca Roſa
em verde trono goſa,
do Inuerno o rebate
a coroa deſmente, & o ceptro abate.

Se o fado deſtinaua
a ſeta vencedora
de Amarillis ao peito alabaſtrino,
não tem Amor aljaua?
não fora executora
dourada ſeta do fatal deſtino?
ſem que com golpe indigno
murchaſſe a Parca do Iaſmim Narciſo
o primitiuo riſo,
que para a Monarchia
do Imperio de Amor amanhecia?

Preuinio a victoria
a morte, cubiçoſa
do triumpho maior que os tempos viraõ;
perdeo Amor a gloria
da empreſa mais luſtroſa,
que as amoladas ſetas adquiriraõ,
as fontes que ſentiraõ
ſecarſe a flor, que nos criſtaes ouuera
de olharſe Primauera,
os eſpelhos quebraraõ,
& em baxa voz da morte murmuraraõ.

Os limites abata
com que reprime as agoas,
as baliſas, & terminos tranſtorne,
& em diluuios de prata
o Tejo em tantas magoas
vndoſo mar de lagrimas ſe torne;
o Mauſoleo adorne,
que â memoria dedica a magestade,
a dór, a ſaudade
de Gypariſo agreſte,
que a librè deſcontente ſempre veſte.

Das Tagides o Coro
ſuſpenda deſmaiado
as thiorbas de vidro as arpas de ouro:
aljofarado choro
molhe no rico eſtrado
das deſatadas tranças o theſouro:
a laberinto louro
reduza a magoa os ondeados fios,
que em olocauſtos pios
a branca mão de prata
choroſa empeça, & triſte desbarata.

Odori-

Odorifero ſumo
de Sabeos áromas
perpetuo culto ſeja às cinzas frias:
alcaçares de fumo
as derretidas gomas
formem ſobre o ſepulcro em nuuẽs pias.
Là dentre as Hierarchias,
onde Amarillis goza eternas palmas,
verá de quantas almas
foi hũa alma humecida
de quantas vidas morte hũa sò vida.

O Doutor Hieronymo da Silua de Azeuedo Dezembargador da Caſa da Supplicação.

CAN-

CANCAM.

A Marilis diuina que triunfando
otro palacio habitas que enriqueces,
y el nueſtro dexas, que por ti ſuſpira:
tu que claro luzero reſplandeces
entre hermoſas eſtrellas, que mirando
diuino Sol en ellas gloria inſpira:
el comun llanto mira,
ſi de alegrias llena,
que gozarás eternamente hermoſa,
eſcuchas pena humana:
y ſi en la ſoberana
patria ſiempre dichoſa
de la gente mortal ſe admite pena,
oye piadoſa, entre el diuino canto,
las laſtimoſas vozes de mi llanto.

No coje, antes te arranca en flor cortada
de tu Aurora en los bellos reſplandores
la Parca duramente riguroſa:
piſado aſsi jazmin en ſus verdores,
inclina el blando cuello, aſsi arrancada
languida ſe deſmaya bella roſa,
ò fuerte laſtimoſa!
ó Parca ſempre dura!

que

que imbidiosa le quitas si no auara
al mundo su tesoro,
robas las hebras de oro,
y la mañana clara
buelues anticipada noche obscura:
assi a la marauilla en varia suerte
el alua da la vida, el Sol la muerte.

En tus prendas el Cielo manifesta
que te destina estrella venturosa
para habitar la corte soberana:
en los albores de tu infancia hermosa
con la virtud, y grauedad honesta
passaua tu hermosura allà de humana:
la bisarria vfana,
el brio, y la cordura,
discrecion, y donaire en las acciones
coraçones rendia:
pero que mucho hazia
si oy rinde coraçones
viua en defunta nieue la hermosura
del Cielo en fin ser natural mostrauas,
y que en la tierra peregrina andauas.

Con funebres endechas los pastores
lloran la lastimosa despedida,
y lamentan las Ninfas tiernamente:

llora

llora la bella Aurora enternecida,
marchitanse naciendo aquellas flores,
llora en triste sussurro a quella fuente.
Aues que dulcemente
en numeroso canto
como al Sol ofrecian a tus ojos
letrillas amorosas,
agora lagrimosas
publican sus enojos
explicando sus penas con su llanto:
todos enfin padecen penas graues
pastores, ninfas, flores, fuentes, aues.

Mas libre enfim de la porcion terrena
gozando estás con el diuino esposo
glorias que nunca el miedo sobresalta:
en bosque eternamente delicioso
la pura fuente vez, que siempre amena
con perlas al florido prado esmalta:
aqui vozes exalta
la chusma de las aues,
y aqui donde con flores brilla hermosa
la primauera eterna,
la filomena alterna
alegre, y no quexosa
con dulcissima voz los tonos graues,

la filomena, que aclamando adora
al Sol diuino, y la diuina aurora.

Dichosa tu mil vezes, que dexada
la mortal parte humana, enfin diuina
burlando estàs del mundo los engaños.
Miras errados passos, que camina,
misera gente humana, que engañada
huyendo va sus proprios desengaños,
libre de tantos daños
de allà mira piadosa
calamidades de la suerte humana,
pues humana las viste,
pues mortal las sentiste,
si bien agora vsana
viues de tantos males vitoriosa;
y enfin reynando estàs entre almas bellas
gozando glorias, y pisando estrellas.

Si te arguyen Cancion que en gloria lloras,
el morir, le responde, que es partirse,
y bien se deue el llanto al despedirse.

A Francisco de Favia.

ELE-

ELEGIA I.

SVelta la rienda a mi dolor el llanto,
que en manancial perene se dilata,
interrompe la voz, impide el canto.
El coraçon que en fuentes se desata
no halla desahogo al sentimiento,
porque la vida se conserua ingrata.
Genero de martyrio, y de tormento,
que parece infernal, por lo infinito,
pues solamente viuo a lo que siento.
Mas la moderacion fuera delito
quando la causa que a sentir me empeña,
con mi proprio juizio solicito.
Enternecida el alma no desdeña
lagrimas imitando en este officio
el valle todo, que a llorar la enseña.
Nunca la obligacion puede ser vicio,
antes a la censura està sujeto
el que affecta obstinado otro exercicio.
Cayô rendida al tragico decreto
Amarilis diuina, y ay quien diga,
que deue el sentimiento estar secreto?
Pena modesta, y del silencio amiga,
que sufre, y calla, y su dolor reprime,
o no siente, o no sabe, o nada obliga.

El coraçon que rebentando gime,
y arroja ſus affectos por los ojos,
de toda la cenſura ſe redime.
Si vna Deidad lloramos ya deſpojos
de lá Parca en la edad mas floreciente,
deuda comun pareſcan los enojos.
Publicalos llorosa aquella fuente,
y el eſcollo mas duro enternecido
ſiendo incapaz de ſentimiento, ſiente.
En el concauo valle repetido
de Amarilis el nombre, el ecco llora.
y a vn gemido ſuccede otro gemido.
Sus loçanias deſperdicia ſlora,
veſtiendo en ſu lugar pompa funeſta,
del hado la piedad en vano implora.
Diana o ya negada, o ya depueſta
ſu Deidad, llora el fin intempeſtiuo
de Amarilis hermoſa como honeſta.
El paſtor *más vfano*, y más altiuo,
llora entre repetidas alabanças,
el ídolo gentil que adorò viuo.
No porque temerarias confianças
llegaſſe a permitir con ſu locura
condenando ciuiles eſperanças:
Sino porque el iman de ſu hermoſura,
aun quando ſe miraua con recato,
ninguna libertad dexò ſegura.

Vn afecto amoroſo, el otro ingrato
apretando la rienda al apetito,
en deſconformidades puſo ornato.
Eſperança mortal fuera delito,
que en humano ſemblante andaua oculto
(trasluziendo tal vez) ſer infinito.
A eſte aun viuo idolatrado vulto,
ya deſpojado del caduco velo,
mas dignamente ſe conſagra el culto.
Deſpareciose, y remontando el buelo,
de diafanos rayos coronada
occupò silla en la mitad del Cielo.
Adonde ſu hermoſura eternizada
no pierde los alientos, y reſpira,
ni puede ſer de la fortuna hajada.
Toda la gloria a qui viuiendo aſpira
el alma logra, y termino al deſeo
pone, pues la eſperança ſe retira.
Y ſin ſer iluſion, o deuaneo
el obiecto diuino a luzes beue,
centro feliz a ſu amoroſo empleo.
Por vſura del tiempo, o largo, o breue
eſta felicidad nunca ſe mide;
que a eterna duracion nunca ſe atreue.
El luſtro paſſa, el ſiglo ſe deſpide,
y la materia vnida con la forma,
toda la humana corrupcion impide.

En lo que goza amando se transforma
el alma, y estos bienes celestiales
a los sentidos por la vista informa.
La embidia, y la ambicion de los mortales
aqui no habita, y todos se publican
desigualmente en su ventura iguales.
Conformes los ministros no replican
a la sentencia del Iuez mas justo,
que a executar con promptitud se aplican.
Reuerenciar el tribunal augusto,
aplaudir el fabor, ò el castigo
siguen por ley, y no ay decreto injusto.
No aqui se haze tracion al màs amigo,
como sucede en este error mundano,
dó se halla a cada passo vn enemigo,
A este pues assiento soberano
Amarilis subiste, y parecido
te aurá, que es tarde, quando a mi temprano,
El Tajo lo publica, pues perdido
en tu cabello el oro de sus venas,
corre de su caudal destituido.
Sus riberas, que fertiles, y amenas
a tus plantas deuian los verdores,
no produzen claueles, y açucenas.
Sin pompa, sin honor todas las flores
se miran, como quando el seco Estio
marchitò sus caducos resplandores.

Solo el raudal hazen crecer del rio
lagrimas que en su margen delicioſa
cada Nimpha deſata a ſu albedrio
Contemplan deſojada aquella Roſa,
hajado aquel jaſmin a luz tan breue,
y que no es priuilegio el ſer hermoza.
La que ſu engaño por ſus ojos beue,
no dude ſi Amarilis muerta yaze,
que mas reſpeto a ſu beldad ſe deue.
Mas ſi con ſu iluſion ſe ſatisfaze,
ſolicite con tiempo el deſengaño,
que intempeſtiuo otros efetos haze.
O ciego error! ó ineuitable engaño!
que el rieſgo ſe conoce, y no ſe aduierte,
ni anticipado ſe preuiene el daño!
El ſayal, y la purpura en la muerte
iguales ſon, pues con igual tixera
hizo comun Proſerpina la ſuerte.
Si aſpira la fortuna liſonjera
el que vfano remonta a la alta cumbre,
ineuitable el precipicio eſpera.
Siguiendo la mudança por coſtumbre,
lleua tras ſi las altas Monarchias,
cargadas con ſu propria peſadumbre.
Arrebata el imperio de los dias
los Reynos, como harian los manjáres
de Fineo volatiles Harpias.

Los milagros del mundo singulares
a poluo, y a cenizas reduzidos
dizen, ò hombre, que en tu fin repares?
Los Heroes mas soberbios, y atreuidos
Cesares, Alexandros, Scipiones
vemos em sombra, em nada conuertidos.
No sigamos chimericas ficciones,
que la verdad nos persuade muda,
sin mendigar apocrifas razones.
Y si obstinado estos effectos duda,
alguno que guió su Philausia,
como remedio al desengaño acuda.
Quantas edificò su phantasia
fabricas sobre fragil fundamento,
desbarata del tiempo la osadia.
Si no ha sido excepcion, sea escarmiento
Amarilis, pues solo su belleza
como eterna adorò el entendimiento.
No podia en lo humano hallar firmeza,
y como violentada al cielo buela
de la felicidad, y la grandeza.
Dichosa tu que en celestial escuela
hymnos aprendes, canticos imitas,
y sin cuidar de engaño, o de cautela
en jubilos de gloria te exercitas.

D. Conde da Ericeira.

ELEGIA II.

DEspedaçada a voz desata o pranto
na eloquencia das lagrimas as magoas,
que causa saõ de hum lastimoso canto.
Estas que mesturadas entre as fragoas
do peito hoje derrete o sentimento,
impidaõ a vasante ao pay das agoas.
Não tenha mais vãgloria o sufrimento,
& em tanto mal grangee a paciencia,
perca a fineza a vista do tormento.
Aos decretos fataes sem resistencia
Amarilis de modo entrega a vida,
que desmentio das mortes a violencia.
E em outros emisferios transferida
logra a vista da eterna magestade
aquelle esprito a gloria merecida.
Esta ausencia em perpetua saudade
desate ao peito a voz do sentimento,
nos limites da humana eternidade.
O monte, que ou dureza, ou sofrimento
concede largamente a natureza,
ao jugo se entregou deste tormento.
A flor da Primauera gentileza
como no secco estio marchitada
se vè funesta pompa da tristeza.

A Roſa já de todo deſcorada
não quer nada dos bens da fermoſura,
pois no verde botaõ ſe vio cortada.
O paſtor mais mimoſo da ventura,
entregue todo às mãos de hum só ſentido,
no mal da infirmidade eſpera a cura.
O valle que o ſuſpiro dedufido
da voz do ſentimento, eſponja bebe,
Ecco ſentindo a voz, cala o gemido.
E deſte mal que o centro em ſi concebe,
teſtemunhas ſeraõ aquelles montes,
que a terra tanto dà, quanto recebe.
O Sol que diſtinguindo os Orizontes
Leua o carro luſtroſo ao centro frio,
mais vazio de rayos, que de fontes.
O humido tridente do aluedrio
vagante jâ de todo deſpojado,
Neptuno entrega à pena o ſenhorio.
O còro das Nereidas chorado
tem largamente o triſte ſentimento,
paraque o còro em choro ande trocado.
Tetis, que a fermoſura ao penſamento
inuejas lhe formou, ſente a ruina
que o temor fez da inueja eſquecimento.
Deſte cõmum ſentir com Proſerpina
retira o ſentimento, que no mundo
naõ pode conſentir couſa diuina.

Lanto bem nos falta, que confundo
co a laſtima o diſcurſo, ſe a belleza
iſenta foi das penas do profundo.
Como tambem das leis da natureza,
ſendo os golpes de Lacheſis tributo,
deſminta noſſo engano eſta certeza.
No mais erguido trono o altiuo fruto
combatido do vento ao precipicio,
dece sò por razaõ de ſubir muito.
Eſſes a quem Mauorte no exercicio
Marcial, veſtio o arnes da meſma morte
parecem liures do cõmum ſupplicio.
Ceſares, & Alexandres, ſe Mauorte
eterno nome vos conſagra â fama,
não vos pode liurar do agudo corte.
Pena cõmum aos peitos ſe derrama,
mas conforme a razaõ deſta verdade,
a certeza do mal mitigue a fama.
Mas ſe da morte he liure a diuindade,
& Amarillis morreo, a fé perdoe,
que pode ter limite a eternidade.
O Buſio de Tritão o centro atròe
das humidas cauernas, & o funeſto
dia mortal aos Deoſes apregoe.
Mercurio bata as azas, & do apreſto
dos talares prepare a ligeireza,
& faça ioue a morte manifeſto.

O reſplandor do Sol tema â belleza,
& fique vinculado ao fim dos dias
o ſobre natural, & a natureza.
Se a exceiçaõ acabou, que as Hierarchias
podem eſperar da duraçaõ? ſe a pena
hoje conſome tudo em cinſas frias.
A auſencia que a ſaudade nos condena
faz verdadeira â forma da apparencia,
quanto eterno ſentir o mundo ordena.
Porque ſe de Amarillis a excellencia
Soube alegrar eterna outras idades,
humano ſentimento era indecencia.
Engano da razaõ foraõ ſaudades,
porque nos moſtra a fè bem claramente
o Ceo centro feliz das diuindades.
Lá com as Dominaçoẽs reſplandecente
alma feliz lograis perpetuo eſtado,
jà liure dos temores do occidente.
Atê que nos limites do paſſado
tempo, vnais eſſa forma que leuaſtes
com o que cá deixaſtes ſepultado,
para que vos lembreis do que deixaſtes.

D. Antonio da Cunha, Gouernador, & Capitãm òr da comarca, & cidade de Euora.

ELE-

L

ELEGIA III.

OY que en lutos al Reyno Luſitano
noche eterna amanece aquella Aurora
de que abſorto pendia el orbe humano.
(Fatal de ambos los trances vencedora,
viua del que ſin termino la mira,
muerta del que ſin numero la llora.)
El miſmo ſentimiento ſea Lira,
donde el graue dolor deſacordado
eterno ſuene, lo que eterno inſpira.
Lo que no pudo a mares ſer llorado,
lo que a gritos no pudo ſer creido,
oy ſea a ſentimientos reuelado.
Del dolor el imperio todo vnido,
ya que vna vida redimir no puede,
pueda iſentar ſus fueros al oluido.
Eſta mayor fineza ſe concede
al morir, que el rigor de la violencia
vital obiecto a la alabança quede.
Agora que en la pluma mas licencia
toma el dolor, que en tânto ſentimiento
aun la miſma ignorancia es eloquencia.
La que numero bello al firmamento
vincula eternidades de alegria
delate eternidades de tormento

Lloſe

Lleboſe la belleſa, el Sol, y el dia,
o todo en fugitiuas ſoledades,
de miedo ſe buſcô ſu compañia.
Huerfanas de ſu luz las ſaudades,
lleuoſe eternidades de eſperança,
dexoſe de dolor eternidades.
Mas ay ſiempre dormida confiança,
que robo hizo a tu credito la ſuerte,
quan facil el vellon dorado alcança.
Antes dio ſu beldad (ſi bien ſe aduierte)
vn torrente de vidas a la vida,
y oy torrente de muertes a la *muerte*.
La que viuio prodigio repetida
muerta al mundo milagro ſe aſſegura,
nunca igualada, y ſiempre competida.
La hermoſura mayor, ay ſuerte dura,
más que cauſa mayor, hallò el delito,
que grande offenſa ſer, grande hermoſura.
Pagado lo *infinito* en lo infinito
hurto la tirania auiſa breue,
lo que la ley mortal ſuppone rito.
Aquel idolo bello de oro, y nieue,
que hermoſos ſiglos derramò las horas
que viuiô luz, lo miſmo que Angel mueue.
Aquella que de vn pielago de Auroras
haziendo a ſu deidad humano velo,
por luzes ſus hablaua viuidoras.

La

La vista en lo diafano de vn yelo
jasmines, y claueles matizado
el Cielo via, mas no hallaua el Cielo.
Aquella que a la edad nació cuidado,
y de la edad noticia apenas era,
crepusculo en sus años enserrado,
Aquella en quien riò la Primauera
multitudes incognitas de flores,
y del Abril la emulacion primera.
Aquella que en espiritos mayores
viuio como suspensa, y detenida
forcejandose embidias, y loores.
Aquella de la muerte hermosa vida,
aquella de la vida ilustre muerte,
de vna culpada, y de otra merecida.
Aquella que al nacer la comun suerte
lisonja parecio, pues su nobleza
no ay voto que en sus meritos no acierte.
Aquella en quien hallô naturaleza
tanto de bella, que en mayor porfia,
su belleza menor fue su belleza.
Hermosa, y ilustrissima Maria
duerme en eterno sueño, en quanto llora
el Sol la misma luz, que ella reia.
Venerable silencio gime agora
la que perdio la patria, ay quanto yerra,
el precio alaba, quando el bien ignora.

Fsonde

Eſconde mucho Cielo en poca tierra
el marmol, que al dolor enternecido,
coraçones, y lagrimas encierra.
Vno, y otro dulciſsimo gemido
Sus venas vitaliza, y dentro ſuena
el fuego en las cenizas eſcondido.
O milagro fatal que Amor ordena,
que la vida le ſirua al jaſpe duro,
lo miſmo que al Amor ſirue de pena.
No yaze aqui de Attaydè el jaſmin puro,
que eſſe al orbe le deue monumento,
y a la imortalidad ſolio ſeguro.
Aqui deudas pagò del nacimiento
de la mas breue vida, y la mas bella,
el mayor mundo, y el mayor portento.
Arde aqui ſolamente vna centella
del fuego, que paſsò ligeramente
a ſer cometa al mundo, al Cielo eſtrella,
Aqui de tanta copia floreciente
la admiracion no buſca la exiſtencia,
conſulta el deſengaño el accidente.
Aqui no eſtà la Angelica preſencia
de aquel bello eſplendor, cuya armonia
en colores deſata ſu eloquencia.
Aqui ſolo ſe vê la ſombra fria,
de lo que humano horror en ſi parece,
ven ſi dijſano aſſombro parecia.

La purpura del labio no florece,
la Rosa en las mexillas deshojada
entre mortales yelos anochece.
Mal en la frente la Açucena hallada
entre sa sombra se perdio dudosa,
en vn palido eclipse agonizada.
Mas, ò bella Maria, ó tu dichosa,
que logrando esenciones de diuina,
en ti la mesma muerte queda hermosa.
Tu claro ingenio, y condicion benina,
tu puro entendimiento, tu luz pura,
aun los horrores del morir domina.
No estâ la vida larga en lo que dura,
en lo que bien se viue el fin consiste,
teatro es al feliz la sepultura.
Tu sola mayor gloria mereciste,
viuiste siempre pura, y siempre bella,
luego màs larga vida en ti viuiste.
Al balcon de Palacio qual estrella
pompoſa amaneciò, más rutilante
de quantas su dorado Oriente sella.
Qual a las Regias aulas, más galante
Lleuò la admiracion? Qual mas festiua
remora de las dudas fue constante?
Viuio la dicha en ti, y en quarto viua,
el ocioso desecò que vagaua,
desterró la esperança fugitiua.

Muerta, el mayor elogio te esperaua,
porque en estruendos flebiles altera
tu fama quanto en plumas occupaua.
Coronada de luz por ti la esphera
viue el aplauso mismo embaraçado,
porque glorias, y lagrimas numera.
El Templo, el Seraphin mas abrasado
en charidad humana, te destina
obelisco de luzes enlutado.
Y del Tajo la vena cristalina
destilada en concetos, dulcemente
corre a tus pies oy fuente Cabalina.
Quanto corre concetos baña fuente,
que no merece muerte menos rara,
menos rará, y dulcissima corriente.
Todo en tu fin, y tu alabança para,
los cisnes que te gimen modulantes
vozes son del dolor, que se declara.
Callan las lenguas, hablan los semblantes,
que la tristeza, occulta tirania,
lutos viste a las almas vacilantes.
Este el vltimo al fin, el mayor dia
toda la admiracion en ti diuierte,
que si tanto a tu vista se deuia,
tanto es bien que se pague oy a tu muerte.

Francisco Martins de Siqueira.

ELE-

ELEGIA IIII.

PAgou à morte feudo anticipado
por ſentença aos diſcurſos eſcondida
o milagre da Corte mais preſado.
Falta á vida quem foi gloria da vida,
ò decreto! Amarillis a fermoſa,
ò prodigio! Amarillis a entendida.
Em a eſtação dos annos mais luſtroſa,
que ſe a morte he forçoſa, hoje alterada,
mais pareceo forçada, que forçoſa.
Em ſentimentos immortaes trocada
galharda flor cubrio mortal triſteza
da primauera injuria anticipada.
Inda que foi penſaõ poſta à belleza
não ſe eximir da morte, agora a morte
aggrauo pareceo da gentileza.
Reſoluçaõ fatal da infauſta ſorte,
por ſer na Corte eterna a ſaudade,
quis que foſſe mortal a luz da Corte.
Viuia taõ viſinha á diuindade,
que inda agora da morte a tirania
o ſer humana mal nos perſuade.
Menos foi no que encanto pareçia,
que a todas excedendo a fert[illegible]oſura
às virtudes do eſpirito cedia.

Não teue aquelles bens de que a locura
da humana preſunção ventura forma,
porque naceo mayor do que a ventura.
Triumpha a morte emfim da bella forma,
& logrando de todas a victoria,
hoje sô quanto pode nos informa.
Fugio do mundo a limitada gloria,
nem ſubio tanto o humano penſamento,
que inda agora he reſpeito, o que he memoria.
Deixai Nimphas o liquido apoſento,
& eſte lugar, adonde o Tejo vndoſo
de Amarilis venera o monumento.
Aqui donde ſuſpende laudoſo
o curſo jà de lagrimas crecido,
entrai todas em coro laſtimoſo.
Debaixo alì de hum marmor eſcondido
o theſouro achareis, por quem ſuſpira
o mundo a deſenganos aduertido.
Conſtrua o ſentimento excelſa Pyra,
que ſaõ honras mentidas & vulgares
os Mauſoleos, que a antiguidade admira.
Pyramides ſe ordenem de peſares;
& aqui memorias ſempre ſaudoſas
chorai todas em funebres cantares.
Sejão tão repetidas, & choroſas,
que as honras funeraes de voſſo pranto
pareção voluntarias, & forçoſas.

De

De endechas triſtes ſeja o graue canto,
reſpire humor Sabeo ſogo eſcondido,
viſta triſteza a Corte, o mundo eſpanto.
Não fique sò nos bronſes erigido,
fique tambem nos coraçoẽs grauado,
aos ſeculos ſeu nome offerecido.
De ſempre verdes palmas coroado
deixai depois o nobre monumento,
não sò de Louro, & de Cipreſte ornado.
Mas calemos hum pouco o ſentimento,
que não foi dura morte, ò Nimphas bellas,
foi de nós venturoſo apartamento.
Aſtro viue immortal entre as eſtrellas,
communicando ao Sol prodigamente
a luz, que o Sol lhe communica a ellas.
Cèga enfim noſſa viſta a chora auſente,
que aſsiſte fauorauel influencia
a quem reſpeitos lhe pagou preſente.
Ou jà por entendida em noſſa auſencia
globo de luz galhardamente gira
de eſphera ſuperior intelligencia.
Ou jâ por bella em campos de ſafira
eterna flor de Abril, que ſempre dura,
ditoſamente ri de quem ſoſpira.
De eſpirito galhardo, de alma pura
foi carcere a belleza venerada,
que agora em cinzas guarda ſepultura.

Subio jà liure â patria deſejada,
que do eſpirito eſteue a mageſtade
poſtoque em priſaõ bella, violentada.
Choremos pois, & logre a eternidade
Amarillis, que enfim ſe parte agora
a ſer de nos perpetua ſaudade,
a ſer dos Ceos eterna moradora.

Duarte Ribeiro de Macedo.

SILVA.

NAõ pares naufragante Peregrino;
porque na Pyra excelsa em que reparas
naõ daõ piedosas aras
aliuio a teu destino,
he sò hũa memoria
que eregio a saudade
de hum Sol, que nos deixou sem primauera,
& sepultando a terra em sombra fria,
passou à esphera onde he eterno o dia.
Sem eclipse dos rayos soberanos
não temeu seu valor difficuldades,
que não chega às Deidades
o fragil dos humanos,
nem fazem breues annos
a vida limitada,
na gloria das virtudes sustentada
inteira vida goza,
mais sabia, mais diuina,
porque a luz peregrina
quanto parece que cortou da idade,
ao curso tresladou da eternidade.
Nas azas de immortal merecimento
tudo leuou á esphera mais subida,
nada teue mortal que fique em calma,

a virtude, o ſaber, o entendimento,
almas ſaõ, & de graças reueſtida
ſendo eſpirito a vida tudo he alma,
aſsim triumphante palma
forma o valor do peito generoſo;
& abreuiando o tranſito glorioſo
para colher o fruto ſem enganos
da primauera dos diuinos annos,
a Eliſios campos onde he eterno o goſto
de tantas flores foi fazer o Agoſto.

Menos ſe vio a forma ſobre humana
das ſombras offendida
nos breues annos quando *tem* mais vida,
pois nem o largo tempo, o tempo auaro
ouza atreuerſe ao milagre raro
da diuina belleza,
que fez a ſeu exemplo a natureza,
pouco a pouco parece que ſe acaba:
mas he engano, porque naõ perece,
deſaparece ſim à viſta humana,
que he com luz ſoberana
indigna a fermoſura
do tiranno poder da morte dura,
& quando florecia
fora atè no inſenſiuel tirannia.

Vemos a bella Roſa honra de Flora,
que a penas naſce da Primauera a aurora

fer luz do prado, & quando
folha a folha voando
de ſi meſma eſquecida
parece que deſpreza a flor da vida;
deſſe verde botão em que amanhece
não morre a bella flor, deſaparece,
sò ficão os abrolhos
por inſtrumento ao prado,
de dor em tanta auſencia laſtimado.

Mais leuantada flor, flor mais glorioſa
a Aguia de Attayde generoſa
mais alto voa, & bellica deſpreza
a preſa vil pella mais alta empreza;
vence da Parca os palidos deſmayos,
& por gozar do eterno Sol os rayos,
depois de honrar ſua luz noſſo Emiſpherio,
a eterna buſca no mais alto imperio.

Sô nos deixa a ſaudade, sô a memoria
de tão diuina hiſtoria,
que noſſo affecto ardente
neſta pedra que o ſente,
poz por baliſa a porto mais ſeguro;
porem o marmol duro
de noſſa dór imagem, nada encerra,
que nada teue, nem quiz ter da terra,
de que fugio verdores,
& deſprezando o talamo de flores,

de

de eſtrellas coroada
hoje he celeſte ſigno,
ſempre aſpecto benigno
que lâ no eterno templo
nos faz na indicaçaõ de tanto exemplo
eterniſada a vida tranſitoria.
Obſerua tu de tanto Aſtro a gloria,
& antes que tirana
a debil condiçaõ da ſorte humana
chegue à vltima linha:
Peregrino, caminha
pois te moſtra a carreira
de tanto bem, da patria *verdadeira*.

O Dezembargador Antonio Raposo.

EPI-

EPIGRAMMA.

COrtada em flor a flor da fermoſura
em tumulo fatal a Parca enterra;
erra, porque enterrando, não deſterra
hum bem, que vino na memoria dura.
Pella roubar à terra ſe conjura
o Ceo, mas fim ditoſo acaba a guerra,
que ſe o Ceo de ſua alma priua a terra,
a terra goza o bem da ſepultura
Iacteſe deſta o Ceo flor acquirida,
aliuieſe a terra, que por ſorte
lhe coube a ſombã deſta luz perdida.
Mas que peito auerà que a dor reporte,
quando o Ceo de Amarillis corta a vida,
& a terrra de Amarillis ſente a morte?

EPITAPHIO.

YAze cadauer laque ſube eſtrella:
viſteſe poluo la que luzes viſte:
cubreſe tierra la que nubes huella,
huye difunta la que biua aſsiſte.
Maria en bellas aparencias bella
Maria en triſtes ſoledades triſte:
breue la tierra le preſtò occidente:
eterno el Cielo le apercibe oriente.

O Doutor Antonio de Souſa de Soſſecedo; Dezembargador dos aggrauos Embaxador aos Estados de Olanda.

SONETO.

MAria, polbo ya, cubre eſta pyra,
en que embidioſa executó la ſuerte
en comun ſentimiento el golpe fuerte,
de que ningun humano ſe retira.

Quien ſin lagrimas mira? Quien no admira
eſte funeſto tumulo, ſi aduierte, te,)
q̃ vn Sol tan claro ſe ecclypſó en la muer-
por quien llora el Honor, y Amor ſuſpira?

El alma pues en Dios tal luz poſſea,
que en ſu amoroſa, y ſempiterna llama,
eſenta biua del morir ſegundo.

Y al cuerpo (para nombre inmortal) ſea
ſu valor obeliſco, luz ſu fama,
balſamo ſu virtud, ſepulcro el mundo.

Henrique do Quintal Vieyra.

SONETO.

NAõ jaz Maria, não; viue erigida
para gloria immortal neſta vrna breue,
pois que na morte a melhor vida deue
ao que deixou no mundo de ſer vida.

Por ſuperior decreto embrauecida,
ao que ſò vio, que era mortal, ſe atreue,
mas na fatal juriſdição que teue,
quando intentou triunfar, ficou vencida.

Aqui (como em cadeira do eſcarmento)
quão pouco val, enſina, contra a morte
nobreza, diſcrição, belleza, idade.

A alma porem com ſoberano alento
do que deſtino pareceo da ſorte
meyo tem feito da immortalidade.

Henrique do Quintal Vieyra.

ROMANCE.

CAmpos del Tajo Amar[illegible],
aquella humana deidad,
que os debiò tantas liſonjas,
laſtimas os deba yà.

Nacio Sol, y al occidente
llebò ſu luz tan igual,
que ſin declinar los *rayos*,
los rayos *pudo* occultar.

Deſtinada a perfeciones
era cierto, lo fatal,
lo preciſo de ſu muerte,
no auiendo màs que lograr.

Aſtro ſe traslada hermoſo,
lleuando bien deſigual
muchos ſiglos de entendida,
en pocos a[illegible]os de edad.

Belleza tan prodigioſa
vaticinaua eſte mal,
que prodigios de hermoſura
ſuelen en ſi peligrar.

Deſpliega apenas la Roſa
todo el pompoſo caudal,
quando de morir de bella
muere aun con vanidad.

En ſus riberas el Tajo
en lagrimas de criſtal,
llore eſtas memorias triſtes,
y aun las conſerue en el mar.

D. Iradique da Camara

Semi-

MEMORIAS

Sentimientos a la muerte de la señora D. Maria de Atayde.

DIALOGO,

Gil, y Pascual.

ANton, Florente, Pascual
acude a mi sentimiento:
porque entre tanto tormento
me valga vn mal de otro mal.

Pascual.

Gil que vozes estas son
con que alborotas la aldea?

Gil.

El ecco las deletrea
de entre passion y passion.

Pascual.

Que males tan inhumanos
lloras en tiernas verdades?

Gil.

Si tienen fin las Deidades,
que esperamos los humanos?

Pascual.

Gil aduierte que el cuidado
ignora causa a la pena.

Gil.

Amarilis se condena
a los secretos del hado.

La belleza de Amarilis,
la mejor flor destos valles,
la embidia de las pastoras,
la Deidad de los zagales.

Esta despreciando el prado
nos dexò para passarse
a ser mejor cortesana
de mas luzidos galanes.

Lloremos, pues nuestra idea
tanto pudo enagenarse,
que lograr pensò atreuida
en la tiera eternidades.

El transito de Amarilis
lloremos Pascual, y baste
por saluar el llanto, verse
mudanças en las Deidades.

Dexònos, y el sentimiento
embuelto en los ojos pague,
por tributo de las penas
dos mares a llos dos mares.

Porque conosca Amarilis
quando al occidente passe,

que

que ſepulta el carro de oro
en llantos mas que en chriſtales.
Y el Tajo teſtigo ſea
quantas vezes ſus raudales
retrocedio; porque el fuego
de mi llanto no eſtorbaſſe.
Y quantas en ſus arenas
la fè ha conſagrado altares,
y en las aras de tormientos
victima ardio de ſaudades.
Y el humo lo diga quantas
ſubio por puriſicarſe
por ſeñal que quedò ſiempre
como ayre deshecho en ayre.
Y los ſuſpiros lo digan,
que con Rhetorica facil
eloquentemente dizen,
ſin que las razones falten.
Aſsi Paſcual a ni llanto
ayuda, pues generales
ſon las perdidas, las penas
generalmente batallen.

Paſcual.

Gil ſi Amarilis nos dexa,
el ſufrimiento deſate
de la carcel del ſilencio
la razon para quexarſe.
No más: lo fino refrene
las paſsiones porque ay males
que acredita a la fineza
da accion de deſeſperarſe.
No deſmienta la fineza
buſcar las temeridades,
que ſer temerario, y fino,
es dexar de ſer cobarde
No màs miedo a los tormentos,
que deſatò de la carcel
Atropos cruel al mundo
la herida más penetrante.
Generalmente perece
el mundo todo, y reparen,
la primauera ſin Flora,
la luz de Apolo ſin Daphne.
Nada libre al ſentimiento
quede, y digan las crueldades,
los frutos de Agoſto ſecos,
los troncos de Enero graues,
Digalo el hato, y la mandra.
que ſin paſtor que los guarden,
en vez de yerua que ſuſtente,
pena, que atormenta pacen.
Digalo el paſtor que llora,
pues ſin querer conſolarſe,
ſu ſurron, y ſu ganado
trueca por otros caudales.
Y digalo el monte, que
qual otro Ethna ſe deshaze
en fuego, porque el aldea
por ſus contornos reparte.
Y tu Amarilis que gozas
otra eſfera más ſuaue,
acepta de ſentimiento
eſtos pequeños ſeñales.
Que pechero el mundo todo
a tu auſencia ſatisfaze
con bien ſentidos tormentos
mal declarados verdades

Gil.

Gil.

Pascual, si la fineza a mi tormento
culpare, por auerse publicado,
dile que vale poco aquel cuidado,
que pudo sugetarse al sofrimiento.

Pascual.

No pienses Gil que puede el pensamiento
tener el mal vn rato reseruado,
que a dò llegan excessos de callado,
no llega con excesso el sentimiento.
Bien ves qual corre al mar nuestra ribera,
pues en lo que crecio de agua otro dia,
quiere llegar a la celeste esphera.
Y aunque el mar lo recoja, la vrna fria,
como de si le echò, yamas se altera.
que exemplos son de tu tristeza, y mia.

D. Antonio da Cunha.

ENDECHAS.

YAzen en esta losa
dos Deidades defuntas,
vna para ser siempre,
otra para ser nunca.

Respet ala admirado,
que es Amarilis vna,
y si es vna Amarilis,
es otra la hermosura.

Lo que admirò la vida,
la muerte aqui sepulta,
injusta en Amarilis,
en la hermosura justa.

Que si ha sido Amarilis
de la hermosura cuna,
ley es que tambien fuesse
de la hermosura tumba.

No fue no de la muerte
esta tragedia augusta
osado atreuimiento,
indecorosa furia.

Sin gusto de Amarilis,
ò Lelio, no presumas
que apagara la muerte
llama, q̃ aun muerta alumbra.

Treta fue de Amarilis,
suya fue, quien lo duda?
que el mal no se atreuiera
a no ser ordem suya.

Nacio a quitar vida,
y como mató muchas
acabò la contienda,
y embainò la hermosura.

Ausentóse o pensando,
que no escapara alguna,
o porque el sentimiento
llcuasse a todas juntas.

Cansóse de que fuesse
la muerte en todos vna,
y dió traça Amarilis
de matar vez segunda.

Por matar de dos vezes
buscó la sepultura,
porque muera a saudades
quien moriò a hermosuras.

Como solo Amarilis
de los prodigios gusta,
matar viua era poco,
quizo matar defunta.

Asqueò vesindades
de la tierra, y segura
numero crece agora
a la celeste turba.

Lo que mortal tenia
la enfadó como injuria,
por ser toda diuina,
sube a ser toda suya.

Caducò su belleza,
es verdad, pero nunca
parecerà posible,
que pudo ser caduca.

La que antes fue prodigio
onde se vieron juntas
la discrecion hermosa,
y sabia la hermosura.

Postrada a la violencia
de alteracion aguda

passò por el desaire
de la comun injuria.
O Lelio, a quantas almas
altar es esta vrna,
q̃ aun entre incendios aman.
lo que entre sombras buscan.
Sagrado Mausoleo,
dichosa siempre tumba,
que mucho cielo escondes!
que poca tierra occupas!
Habla con essa piedra,
ò Lelio, que aunque es muda,
ha de ser entendida,
pues Amarili occulta.
No lagrimas comunes
ofrenda sean suya,
que vulgar sacrificio
poco respeto acusa.
Ha sido el llanto voto
a muchas hermosuras,
y no sirue a Amarilis
lo que ha seruido a muchas.
Como ninguna bella
fue, Lelio, y cosa es justa
que sea venerada,
como no fue ninguna.
Rindela adoraciones,
espantos le tributa,
venerala a silencios,
suspirala a locuras.
Quanto la Aurora huelue,
quanto la tierra occulta,
quanto el Bengala cxe,
quanto el Subèo suda.

Sea docel al marmol,
sea estrado a la vrna,
adorne el monumento,
arda en la sepultura.
Y aun es poco holocausto,
que oblacion solo es justa
alguna que de nueuo
la admiracion produzga.
Humeen las estrellas
en tan sagrada tumba,
hachas del monumento
ardan el Sol, la Luna.
Llega, Lelio, y postradas
y espantos, y a ternuras.
verás *llorar* las Gracias,
y suspirar las Musas.
Venus que la imbidiaua
ya postrada, y confusa
votos consagra humilde,
suspiros vota muda.
Amor el arco arroja,
quiebra la media Luna,
las flechas desperdicia,
los harpones espunta.
Y por llorara rios,
la venda que le oculta
desata, y con las manos
los parpados ejuga.
Vè como se stremece
la etercea architectura,
los exes le falsean,
los polos le cacucan.
Ellos arroja el Cielo,
las estrellas se cuscan,

y los

y los dos Aſtros grandes
entre horrores ſe enluran.
Auſencias de Amarilis
menos las diſsimula
el dia, que turbado
ſombras deſpliega obſcuras.
Como ſiempre à Amarilis
mendigò ſu luz pura,
a pedir luz preſtada
no ſabe adonde acuda.
El bronze màs conſtante,
la peña màs robuſta
a llantos ſe enternece,
liquidaſe a ternuras.
Del nombre de Narciſo
el eceo ſe deſcuida,
Amarilis? repiten
quantas reſponden grutas.
Y tu bella Amarilis,
que en la celeſte curia
a ſer ſubiſte Dama
de Reyna màs auguſta.
Mientras dichoſamente
nueſtros ſuſpiros culpas,
de nueſtras anciasries,
de nueſtras penas burlas.
Si en las alas del viento
ſuben allá confuſas
vozes que el ſentimiento
ſuffocadas pronuneia.
Inclina los oydos,
y ſoberana eſcucha
las ancias que nos dexas,
los ayes que te buſcan.
Permite que eſta pena,
eſta ſaudoſa anguſtia
dure en noſotros ſiempre,
falte en noſotros nunca.
Algo de ti tendremos,
aunque a los ojos huyas,
mientras eſte tormento
en nueſtros pechos dura.
No del todo nos dexes,
ſi a la viſta te eſcuſas,
la adoracion te halle
deuotamente muda.

O Doutor Antonio Barboza Bacellar.

ROMANCE.

O Que funesto semblante
viste el ayre, ò que fatal
ceño vierte al gran Planeta
gemidora obscuridad.

O q̃ horrible la gran frente
dessa pompa elementar
fustos arroja a la vida,
miedos a la muerte dà.

O quanto silencio gime
quanta solloça piedad,
de la parte del dolor
todo parece que està.

Que roncamente quexoso
quiebra el Tajo su cristal,
si templado fue armonia,
destemplado es tempestad.

O quanta sangre palpita
el accidente neutral,
que aun a la muerte le sobra
el cuchillo del pesar.

En terrestre firmamento
retira su claridad,
el mar se viene a la tierra,
y la tierra se và al mar.

Todo se và de su centro,
y dexa su natural,
grande el effecto parece,
mayor la causa serà.

Mal q̃ temido es tan grande
no lo apure la verdad,
el miedo sobra a la nada,
falte la fe para el mal.

En las cumbres de Palacio
el rayo se escucha yá,
el estruendo auisa al golpe,
tiembla al golpe la ciudad.

El dolor desenfrenado
corre con violencia igual,
sin ver donde ha de acudir,
sin ver donde ha de parar.

Mal que hiere el coraçon
por fuerça ha de ser mortal,
la sangre vierten los ojos,
la pena los golpes dà.

Dize el miedo, y dize poco
(parte del se ha de ignorar)
que en *Amarilis* padece
grande eclipse *la beldad.*

Que espirò la mejor vida
que humano logrò caudal,
porque no pudo ser menos
para llegar a ser màs.

Pocos años de Amarilis
al mundo son larga edad,
que acabò de ser perfeta
para poder acabar.

Matòla el maligno soplo
de vna fiebre criminal,
que a tal flor vn tan mal ayre
solo la pudo cortar.

Muriò el ingenio, el auiso,
la gala, la honestidad,
la discrecion, el acierto
de vn prodigio celestial.

Acabó todo lo hermoso
en tan hermosa Deidad,

que

que todo con Amar..
oy ſe quiſo ſepultar.
Anaxarte caſtigada
en el duro pedernal,
a tales reliquias fia
memorias de ſu crueldad.
Piedra lcuanta ſublime,
piedra que ha de ſer altar,
donde ardientes coraçones
ſacrificandoſe eſtàn.
Tropheos coronan mudos
funeſta ſolemnidad,
que lo que acabò la vida
la muerte ha de coronar.
Alli el niño giganteo
cuelga el ſangriento carcàz,
que como no ay que vencer,
tambien no ay que cõquiſtar.
Luzientes achas el cielo,
bello el diadema fanal
al marmol depone, quanto
al marmol puede alumbrar.
La pena en lagrimas haze
profunda deſigualdad,
lloran lo que an de ſentir,
ſienten lo que an de llorar.
Veſtido el piedoſo yaſpe
tenebroſa ſoledad,
reſponde con el ſilencio,
hablando con el callar.
Las flores tãbien marchitas
[illegible] nueva autoridad,
porque [illegible] lo mas triſte
viene a ſer [illegible] ralan.
El dolor toda [illegible] nas
es coroniſta inmortal,
pluma el mejor ſentimiento,
volumen la eternidad.
Negros martinetes todo
el ſepulcro, ay que dudar,
adonde eſtà tanto dia
como tanta noche eſtá.
Eſta pues, ó caminante,
(que peregrinando vas)
es la mayor marauilla
que puedes peregrinar.
Remora a tus paſſos ſea
eſte obeliſco fatal,
viuo padron, que a la muerte
votò la inmortalidad. (cio,
Lo q̃ as viſto en breue eſpa-
de eſpacio lo has de contar,
refierelo con dolor,
afirmalo con verdad.
Tãbien peregrina al mundo
fue Amarilis ſin igual,
todo el Orbe has viſto en ella,
vete pues deſcança en paz.

Francisco Martins de Sequeira.

EPITAPHIO.

YAze en este marmol quanto
diuino logró sossiego,
muerto del amor el fuego,
viuo del amor el llanto:
Aqui reuerente espanto
al caminante examina,
accion de sus passos dina,
dudoso admirando quanta
pompa a los ojos leuanta
la piedra de vna ruina.

Francisco Martins de Sequeira.

ENDE

ENDECHAS.

MOntes a cuyo imperio
estos valles se postran,
a tributar humildes
las primicias de Flora.
Y en cuyas altas cumbres
se miran luminosas
del templo soberano
arder puras antorchas.
Oid (aunque suspiros
las vozes interrompan)
d' Amarilis diuina
las postreras memorias.
Porque si llegan eccos
a la esfera remota
del Cielo, adonde habita
Amarilis hermosa.
Vos podeis solamente
repetille congojas
de mil pechos, que en llantos
su pena desahogan.
Oy la segur villana
troncò purpurea Rosa,
que a dulce primauera
florida fue lisonja.
Oy quedan eclipsados
entre funereas sombras
dos Soles, de quien fueron
tantas luzes Auroras.
Oy el duro destino
de muerte riguroſa
a la de Lusitania,
y aun del mundo gloria.

No lo crea el discurso,
por màs que lo conoscan
los pechos que lo sienten,
los ojos que lo lloran.
La razon que lo duda,
el sentimiento dobla;
que desdicha imposible
parece más penosa.
Diuina era Amarilis,
que hasta la embidia abona
las prendas, que el afecto
superiores adora.
Y quien de libertades
los priuilegios goza,
no tributa pensiones,
aunque sean forçosas.
La vida de Amarilis,
que fatal golpe corta,
la llorò todo quanto
el Sol a rayos dora.
Aunque tal vez en rios
las lagrimas no rompan,
que desta pena eladas
al pecho se reportan.
Vndosamente luego
satisfazen demoras;
que corriente impedida
mayores fuerças cobra.
Comun el sentimiento
en todos se conforma,
que siendo vnos los ojos,
y muchas las personas.
Todas la pena sienten,
y no la dizen toda,

que

que faltan las razones,
quando dolores ſobran.
Solo dezillo puede
aquella auara loſa,
erario de cenizas,
rica venera de ondas.
Aquella loſa digo,
que ſe erigiò pompoſa
pyramide del Tajo.
de las Egipcias nota.
Adonde llegan ninfas
de la triforme Dioſa
a celebrar exequias,
ò funerales honras.
Los zagales del prado,
del valle las paſtoras,
de funebres Cypreſſes
el ſepulchro coronan
Offrecen ſacerdotes
los miſticos aromas,
que la Sabea planta
derrama de ſus ojas.
Lo mas ſon coraçones,
que en victimas deuotas
el tumulo componen,
màs que caducas pompas.
Y los vales poſtreros
ſon vozes laſtimoſas
que la Ninfa del valle
multiplicados torna.
El Tajo criſtalino
de ſu liquida alcoba,
que doran las arenas,
y que eſmaltan las conchas.

Leuantò la cabeça,
que en verdes laços orna
ſobre humidos cabellos
de eſpadaña frondoſa.
Y viendo que la llama
buelue en ceniças pocas
aquella, que del Cielo
fue peregrina copia.
Del dolor impelido,
otros dos Tajos brota
de ſus ojos, que lleuen
corrientes caudaloſas.
Inundacion del Nilo
monſtrò de ſiete bocas,
cuyas lenguas de plata
pielagos ſon de olas.
Tempeſtad del dilubio,
que las tierras çoçobra,
merecido caſtigo
de menſas Lycaonias.
Nunca lleuò tanta agua,
como deſtila agora
el Tajo de ſus ojos,
que en mares ſe transforman.
Quizo apagar las llamas
con ſus Linfas copioſas,
porque quedaſſe ſalua
la que reſtaua forma.
Mas Venus, que aſsiſtia
al ſacrificio ſola,
buelto en llantos de Cyſne,
quanto arrulló paloma.
Le dixo: en vano Tajo
ſerá aunque te opngas;

porque

porque vencer los hados
es imposible cosa.
Esta mortal desdicha
que llamais, es notoria
quexa de la ignorancia,
que de sus bienes forma.
Morir a los desayres
de ser mortal deudora,
satisfaciones fueron
de vida primorosa.
Nocuentes de sus años
essos, que se malogran,
que la vejez no la hazen
tiempos, sino las obras.
En pocos dias sabios
ninguna edad es corta;
el discreto en su vida
viuio la vida toda
Ella es Tajo vna sciencia,
en cuyas reglas doctas
vnos aprissa estudian,
otros con màs demora.
El viuir es batalla
incierta y peligrosa,
donde solo quien muere
alcança la vitoria.
Discrecion, y belleça
son margaritas toscas,
que solamente el Cielo
las buelue ricas joyas.
Todo lo hizo Amarìlis,
que espirito reposa
en jardines de Cynthia,
en Cielos de Pomona.

Y assi de tus cristales
Tajo es bien que recojas
las venas en tus vrnas,
y al Oceano corran.
Violencias no las pide
quien los descanços logra,
y como harà finezas
quien la desdicha estorba?
Aprende tu el exemplo
de mi paciencia sola,
porque muerta Amarilis
ninguno se enamora.
De mis sacros altares
las paredes no adornan
ya blandos coraçones
de mi Deidad se inuoca.
Dixo: y cada palabra
de mil sollocos tronca,
y más la pena explica
quando ella más sollo̧a.
Obedecio del Tajo
murmuracion sonora,
con que a Neptuno lleua
de perlas rica flota.
Dioſe al vale postrero,
que saudades reuoca,
y todas a la ausencia
eternos llantos votan.
Creció el sentimiento;
mas callad lyra ronca,
que penas tan comunes
ninguno las ignora.

Andre de Castillo Lobo.

DECI.

DECIMAS.

DEpuſo la humanidad
Maria la peregrina
para ſer toda diuina,
para ſer toda Deidad:
defeto de ſu beldad
juzgò la parte de humana,
y anſi, pueſtoque tirana
para el humano atributo
con pagar ſolo vn tributo,
quedó toda ſoberana.

Quien duda que fue rigor
para el amante deſeo,
mas incapaz de ſu empleo,
era el màs digno valor,
y aſsi morir quiſo en flor
la hermoſiſsima Maria,
porque como conocia
ſu merito ſoberano
halló que ningun humano
tanta Deidad merecia.

Hermoſa, iluſtre, y diſcreta
tanto el mundo la admiraua,
que dignamente lograua
los aplauſos de perfeta:

pero porque la ſaeta
del general homicida
no ſe moſtraſſe atreuida
con libertad tan ſeñora
quiſo morir vencedora,
antes que morir vencida.

En el Cielo colocada
como eſtrella rutilante
viuirà ſin ſer amante,
pero nò ſin ſer amada;
porque como eternizada
queda en la humana memoria,
para lograr la victoria
ſin la penſion de la guerra,
baſta que muera a la tierra,
baſta que viua a la gloria.

Logra pues eternamente
(ò deidad de la hermoſura)
felicidad tan ſegura,
belleza tan permanente,
logra lo reſplandeciente
de la luz màs exceſsiua,
pues la muerte intempeſtiua
te adquirio vida tan cierta,
que por vn punto de muerta
paſſaſte a ſiglos de viua.

Soror Violante de Leo.

DECIMAS.

CEdio a la parca fatal
Amarilis su esplendor,
y la que fue mortal flor,
se boluio flor imortal:
su Aurora celestial
hizo mas acreditada
mano de Tixera armada,
que de la estambre al romper
se boluio nada su ser,
hizo ser lo que era nada.

Esta piedra, ò Peregrino,
que muda predica: cella
de la más lusiente estrella
lo ilustre con lo diuino.
Suspende errante el camino,
y veràs tu ceguedad,
que en la marchita beldad
su hermosura, y discrecion
sacò de mortal accion
accion de imortalidad.

O Desembargador Francisco Cabral.

DECI-

DECIMAS.

OLhos porque não chorais,
como agora estais serenos?
Quem mais chora sente menos,
quem sente não chora mais.
Não porque menos sintais
fontes vos obrigo ser;
senão sò por entender
que o chorar vos cegaria,
pois qnem vio Dona Maria
olhos, não tem mais que ver.

DECIMAS.

MEnos que na flor da idade,
mais que hũa idade de flor
viueo, morreo, que rigor!
esta flor, esta Deidade:
a terra em tanta saudade
com queixas ao Ceo desuela,
mas responde com cautella
o Ceo, que Dona Maria
sómente ao Ceo pertencia,
pois subio de flor a estrella.

O P. Dom Prospero.

EPL

EPITAPHIO.

ESta auaramente dura
pedra, a tanto logro indigna
he de Amarillis diuina
ou enigma, ou ſepultura:
diſcrição, & fermoſura
de nòs, não louuada aſſaz
aqui ſe occulta, aqui jaz;
porque entre os fataes enganos,
morte, que não conta os annos,
vem, & leua o que lhe apraz,

De Franciſco de Sà de Mirãda na carta de ſeu irmão.

O Doutor João Sucarello Claramonte.

DECIMAS.

ESte que ves enlutado
Altar, Peregrino, ſea
admiracion de tu idea,
oblacion de tu cuidado.
Paſma, y tributa, abonado
triſte, y deuoto tu affeto
te dexarà, ſi diſcreto
ofrece en dolor tan juſto
todo a aduertencias el guſto,
todo a empeños el reſpeto.

Imbidia del Cielo fue
eſta que lloramos muerte,
no la induſiò nueſtra ſuerte,
cauſóla ſi nueſtra fè;
Deidad tan ſeñora vè
el Cielo en nueſtra aficion,
que temio ſu adoracion,
Robòla, y afirmar puedo,
que por eſcuſar el miedo,
quizo quitar la ocaſion.

O preſumiò ſu recelo
quando Amarilis deſtierra,
que teniendola la tierra,
nadie afectarà ir al Cielo:

ya ſu venturoſo buelo
todos los peligros quita,
mejor ſu luz acredita
imprimiendo en la memoria,
que allà deue eſtar la glori,
pues Amarilis la habita.

O fue que en tarnſito tal
a la fè libró ruina,
pues la creyera diuina,
ſi no la viera mortal:
bañe liquido criſtal
ſu tumulo, ofreſca amor
la demonſtracion mayor,
no ſerà eſtrañado aliento,
que al mundo dé ſentimiento,
quien al Cielo dâ temor.

Antonio Corvinel.

EPITAPHIO.

QVita peregrino el pie
aduertiendo en lo que viſte,
que en eſte marmol conſiſte
miſterio de mucha fé;
y pueſto que aqui ſe vé
ſeñal de Amarilis bellá,
no te engañes, porque en ella
no ſe hallò mortal paſsion,
que ſolo fue tranſlacion
del ſer de muger a Eſtrella.
Pero ſi dudoſo eſtàs,
quita a tus ojos el velo,
que entre los Aſtros del Cielo
Amarilis hallaràs.
Enſeña a todos de oy màs
eſtas razones, y diles,
que en eſſos Cielos ſutiles
la Eſtrella mas luzidora,
ſi de Venus haſta aora,
oy ſe llama de Amarilis.

Franciſco Cabral Dalmao.

DECIMAS.

ESTas funebres memorias,
estos fatales amagos,
son mas embidias, que estragos,
mas son zelos que vitorias:
para eternizar sus glorias
Parca fatal, determina
con traslacion peregrina
paleando emulaciones
redemir a sus harpones
de vna humanidad diuina.

De toda luz toda gracia
absolutamente dueño,
ni amor aspira a vn empeño,
ni la muerte a vna desgracia.
Induzenla con salacia
a vna ausencia funeral,
y que en el mismo sitial
pueda gozar colocada
priuilegios de adorada
con resabios de mortal.

Dos palacios milagrosa
lustrô su bello arrebol,
en el de la tierra Sol,
en el de los Cielos Rosa.

por

por su sangre generosa,
su candidez no violada,
de dos palmas coronada
la illustraron con gran fama,
nuestro Rey de augusta dama,
nuestro Dios de esposa amada.

Quanto fauor en los dos
pudo hauer sin mano parca
logrò de nuestro Monarca,
mereciò de nuestro Dios:
concediola à el, y a nos
para honor de Portugal,
y el con animo leal
viendo en ella tanto abono,
la restituye a su trono,
por no le hallar trono igual.

Fuerça era en los dos luzir,
pero no podia ser,
en el vno sin nacer,
ni en el otro sin morir,
mas para se conseguir
de muerte, y vida el intento,
en vn tiempo, en vn talento
pusieron contradiciones,
a la muerte las acciones,
a la vida el desaliento.

Del fatal sueño oprimida
bella està representando,
que la muerte està velando
en quanto duerme la vida:
en la nieue amortecida
rosadas exalaciones
tal vez bordan sus balcones,
conseruando en competencias
vida com intercadencias,
muerte con resurreciones.

De honor tanta luz tan alta
porque marauillas obre,
sin que falte, sin que sobre,
dos emisferios esmalta,
quanto de radiante falta
a nuestro globo menor,
y de oloroso al mayor,
tanto ha buelto su elegancia
luminola la fragancia.
y fragante el resplandor.

Porque primaueras dellas
florece comperidores,
quando en los Cielos las flores,
en los campos las estrellas,
liban lo fabrican bellas
admiradas, y veloces.

las abejas ſin dar vozes
del contrapueſto licor,
al hombre nectar de Amor,
y ambroſia para los Dioſes.

ATanto ya la Corte llora
de ſu eclipſe el largo eſpacio,
que el Real Sol de palacio
ſe ſuſpende por ſu aurora:
lloran por ſus perlas Flora,
temiendo no poſſuillas,
el Abril por ſus mexillas,
por ſu feſtejo la ſala,
por ſu donaire la gala,
y amor por ſus marauillas.

Pero ſacrilego quiere
ſentir el mundo ſu auſencia,
viendo la correſpondencia
con que viue, y con que muere:
la gloria que muerto adquiere,
la Deidad que viua goſa,
en dos memorias glorioſa,
ſiempre duraràn ſin fin,
entre Angeles Serafin,
entre los humanos Dioſa.

O Doutor Diogo Lopes de Leão

EGLOGA A MORTE DA SENHORA Dona Maria de Attaide.

ABre o nacar florido, a rosa infante,
explica,aue cheirosa, as plumas bellas,
estrella, ostenta a pompa scintillante,
que ardem rosas no Ceo,no campo estrellas.
Da Aurora bebe o liquido diamante
entre as boninas brancas, & amarellas,
& de espinhas armada de ouro, & verde,
quándo a victoria ganha, a vida perde.
Tal rosa humana, a candida Maria
das outras flores vence a fermosura,
de cuja luz aprende a pompa o dia,
em cujo fogo o Sol rayos apura,
quando honraua vẽcendo a quem vencia,
que inda era ser vencido graõ ventura,
inuida a Parca ordena, emula a sorte,
que aos progressos da vida atalhe a morte.
A Corte, o Mundo vnido, & a graõ Cidade,
que occupa os sete montes no Occidente,
a quem destinou Ioue a magestade,
a quem rendeo Neptuno o seu tridente.
Vendo eclipsar na flor da verde idade,
vendo murchar nos braços do Oriente
tanta luz, rosa tal,com magoa,& pena
chorão (qual Troya) a morta Policena.

E vos

E vos excelso Conde, em quem contemplo
rigida renascer a antiguidade,
que fois heroico espanto, raro exemplo
de madura prudencia em verde idade.
Vos que inuicto subis da fama ao templo,
onde á morte succede a eternidade,
vos que ajudais zeloso, & vigilante,
porq descance hum pouco o grande Athlante.
Vos que o golpe feróz da Parca impia
vistes com peito forte, rosto enxuto,
quando o mais bello Sol, mais claro dia
pagou à noite eterna seu tributo,
quando a defunta luz em sombra fria
troca o poder dos astros absoluto,
quando (ai sorte cruel, ai morte dura)
o Reyno, o Amor perdeo da fermosura,
As magoas me escutai, que a Corte chora,
as saudades me ouui, que Amor padece
desde que acorda a sonolenta Aurora
atè que o Sol cançado se adormece.
Desde que o Ceo de magoa se descora,
até que o prado em purpura florece;
que he justo nenhum tempo o caso ignore,
quem para sempre perde, sempre chore.
E vos illustre mãy, que o nome amado
já vos tirou parece a morte dura,
q inda as maternas leis quebranta o fado
& todo o nò desata a sepultura.

Deixai

Deixai que chore o verſo laſtimado
em tanta magoa, em tanta deſuentura,
& que do ecco a voz, neſta Elegia
repita o doce nome de Maria.
A vòs digo que em toucas diſfarçado
valor tendes viril; bem como o Grego,
que da mãy cauteloſa foi guardado
em trage alheo, em placido ſoſſego.
Vós cujo peito de ſi proprio armado,
a ſeu valor fazendo digno emprego,
(ſe o mundo o filho,& o genro cõquiſtara)
por outros menos mundos ſuſpirara.
Permitì que dèrreta eſta *Elegia*
em lagrimas o ſangue, a cor mudada,
que o liquido rubi ſeja algum dia
por exceſſo de dór, prata neuada,
que a alma que em puro fogo amando ardia,
aos olhos ſaya em ondas transformada,
vencendo em juſto pranto, em tanta magoa,
ſe a gram Sicilia em fogo, o Nilo em agoa.
Agora em quanto o caſcauel volante
(a cuidadoſa Abelha) não murmura,
em quanto a fonte em língoas de diamante
ſuſpende a copia da eloquencia pura.
De Flora em quanto dorme o leue amante
no pauelham ſombrio, entre a verdura,
& a citharra de plumas filomena
eſque[illegible]e pela noſſa a propria pena.

Ouui Marquesa, & Conde, hum pouco attentos
a magoa, & dor da Corte saudosa,
das Musas os suspiros, & os lamentos,
& a tragedia que chora a patria vndosa.
O canto funeral dos elementos,
que a quatro entoa a morte dolorosa,
em quanto a noite clara em luzes bellas
no Ceo lhe accende as tochas das estrellas.
Turuo corria, attonito parana
de pranto, & dor o Tejo saudoso,
entre as folhas o vento murmuraua
da Parca injusta, & fado rigoroso,
num tumulo de flores lamentaua
a hum Sol (entaõ defunto) Amor queixoso:
a dar lhe sepultura concorria
o Mar que entraua, & o Tejo que sahia.
Diana em alabastro já esculpida
ficara morta côr, breue retrato
em marmol Anaxarte conuertida,
era a tão alto ser exemplo ingrato,
descançar parecia adormecida
(tanto era das bellezas o apparato)
confuso Apollo a vè, perplexa a Aurora
viua a namora o Sol, Thetis a chora.
A morte intempestiua lhe ordenara
o destino dos astros importuno,
se não a enueja, & odio lha causara
da emulação de Pallas, & de Iuno.

Por

por belleſa maior vnica, & rara,
em quanto doura o Sol, banha Neptuno
là deſde a plaga ardente à plaga fria,
de adonde nace adonde morre o dia.
Entre à pallida còr luã ecliplada
vacilante repouſa em paz ſerena,
inda a peſar da morte reſeruada
entre os lirios, violas,& açucena
cada eſtrella ainda extincta, ainda ſerrada
(que abertas dauão gloria) cauſaõ pena,
& as peſtanas immoueis, & quietas,
para matar de magoa inda ſaõ ſetas.
O collo de alabaſtro enfraquecido
co peſo das eſpheras declinaua
bello Athlante, que em fim ficou vencido
da inuencivel da morte, & dura claua,
ſaõ as mãos de que Amor já foi rendido
de ſetas de criſtal, eburnea aljaua,
& agora liberaes ao rio attento
dão para claras agoas puro argento.
Vrna de prata o Tejo offerecia,
vndoſa tumba o mar, flores o prado,
o Ceo pira de eſtrellas lhe aſcendia
no tumulo do Olimpo conſagrado.
Epitaphio de luzes lhe eſcreuia
o Sol da morte injuſta magoado;
de a pezar do tempo em viua idea
ſeu nome a fama eternamente lea.

Neptuno

Neptuno reuerente turuo, & triſte,
cuberto de hum capùs de raſo eſcuro
ante o tumulo jâz, parado aſsiſte,
& a ſua oppa raſgou de argento puro.
Iá contra o padre Tejo não reſiſte,
& lhe abate das ondas o alto muro,
que o rio vem de lagrimas tão cheo,
que he forçado que occupe o Reino alheo.

O Tejo brandamente ſe eſtendia,
& ante a bella defuncta ſe poſtraua,
para a planta beijar de prata fria,
cuja alma já no Ceo luzes pizaua.
Iá Eliſa, & Niſe em flebil armonia
a mal lograda vida lamentaua,
o que hũa diz, & outra lhe reſponde,
a fama o publicou, ſe Amor o eſconde.

Eliſa, & Niſe a gloria do alto pego,
por quem Palemo, & Glauco inda ſoſpira
a delicia o braſaõ do moço cego,
ambas eſpanto em vòz, encanto em lira.
Hũa apos outra o mar pondo em ſoſſego
ata o ar, prende o vento, o campo admira,
& o meſmo Tejo ouuindo tal brandura
ora dorme, ora acorda, ora murmura.

Eliſa. Repouſa (Eliſa diz) bella Maria
entre rios de luz, campos de eſtrellas,
onde Thetis no berço embala o dia,
onde o Sol de eſplendor tece as cadeas:

onde

onde o ouro melhor se apura, & cria
entre o cristal mais puro, agoas mais bellas
onde os pexes que aquenta Apollo louro
tem azas de çafir, & escamas de ouro.

Nise. Logra (Nise replica) o amor perfeito
do celeste Neptuno, excelso amante
no talamo immortal, no eterno leito,
ante quem arde o Sol tocha brilhante.
Daquelle puro amor abrasa o peito
que arde, & renasce ardendo a cada instante,
que arde mais, mais deseja, & Mariposa
cada vez mais se abraza, & mais se goza.

Elisa. Ficou naquella amarga despedida
o Tejo desmaiado, turuo, & frio,
& (a corrente com a dor interrompida)
longo tempo esperou o Mar aó rio:
que de passar auante arrependida
da sua tea de ouro corta o fio,
por não tornar a ouuir perpetuas magoas,
q̃ inda saõ pouco pranto immensas agoas.

Nise. Do rio as claras agoas se turbarão
com as lagrimas que as Tagides verterão,
do prado as bellas flores se murcharão
de dor da Ninfa illustre que perderaõ.
De monte a monte os campos se alagarão
de verde a verde os prados se esconderão,
porque quebrada a lei do seco Estio
o Rio todo he Mar, & o campo he rio.

Elisa. Dei-

Eliſa. Deixarão de bordar as ricas teas
as Tagides (com magoa) de ouro, & prata
o criſtal ſe coalhou nas puras veas,
& o Amor quebrou as ſetas cõ que mata.
O numero excederão das areas
as lagrimas, que cauſa a Parca ingrata,
& os ſoſpiros, os prantos, & os lamentos
abraſaõ, & confundem o ar, & os ventos.

Niſe. O pouo dos pexinhos innocentes
na tumba de Safir, morto fluctua,
nem faz docel aos prados florecentes
de ſombra a aruore jà deſpida, & nua.
La nos jardins dos aſtros refulgentes
jà ſe murchou o Sol, ſecouſe a Lua,
& o rio já da luz arido, & enxuto,
triſte o dia veſtio capuz de luto.

Eliſa. Eſgotaraõſe o mar, fontes, & rios
cõ largo humor, q̃ os olhos deſpenderão,
os penedos mais duros, & mais frios
as entranhas em pranto derreterão.
Os vales mais profundos, & vazios
de diluuios de lagrimas ſe encherão,
de outro diluuio o mundo ſe deſmaia,
vendo que a tanto mar o monte he praia.

Niſe. Morreſte, ô illuſtriſsima Maria,
a meſma Parca atroz ficou confuſa,
outro marmor ingrato parecia,
ou qual ſe olhara o vulto de Meduſa.

Mas não, morreſte, naõ, que aquelle dia
a terra te eſcondeo como Arethuſa,
por renaſcer no Ceo liure de magoas
cõ mais puros criſtaes, mais claras agoas.

Eliſa. Tranſito foi da morte para a vida,
da pena para a gloria, ao Ceo da terra,
deſta para a corrente eſclarecida,
que a cidade de Deos deuide, & ſerra.
Da ſombra para o Sol fazes partida
para a perpetua paz da humana guerra.
para moſtrar ſem ſombra a luz que tinhas,
ou para ſer là roſa ſem eſpinhas.

Niſe. Acordate do Reyno onde naceſte,
dos Reys a quẽ ſeruiſte, & Mãy q̃ amaſte
da Corte, que contigo enobreceſte,
do Paço, que cõ a viſta tanto honraſte.
Volue os olhos ao vale em que viueſte,
que tão eſcuro, & triſte quà deixaſte,
verás que em tua auſencia em nojo tanto
tudo he dor, tudo he magoa, tudo he prãto.

Eliſa. Veràs o noſſo Tejo arrependido
nem tornar para tràs, nem ir auante,
em liquido azeuiche conuertido,
quem era d'antes rutilo diamante.
Verás o Paço illuſtre entriſtecido,
fria a luz, turuo o Sol num meſmo inſtãte,
& veràs que com a dòr metido em guerra
brama o mar, chora o Ceo, & treme a terra.

Niſe. Iâ

Nise. Iá infecundo o Tejo, ou de ouro auaro
o palido metal ao mundo nega,
já seu cristal he turuo, que era claro,
jà de Argonautas mil se não nauega,
jà com triste diluuio, & pranto amaro
ficou a nossa prata escura, & cega,
se vacilante as treuas não refrea
breue luz de algum atomo de area.

Não disse Elisa mais rouca, & turbada,
não disse Nise mais triste, & choroſa,
areas inundou prata salgada,
flores mil afogou neue furioſa,
retrocedeo o Tejo hũa jornada,
anticipou Neptuno a esquadra vndoſa,
rebelde o rio ao mar nega o tributo,
& o mar lhe vsurpa os campos resoluto.

O Doutor Manoel da Nobrega.

SONETO.

LAgrimas brandamente derramadas,
Suſpiros triſtes, ancias amoroſas,
da inclemencia dos fados tão queixoſas,
quanto de ſentimento acompanhadas:

Sahi continuamente magoadas,
correi perpetuamente ſaudoſas,
& no coro das almas venturoſas
ſede bem viſtas, como bem choradas.

Aliuio para o mal que ſe padéce
grangeio para o bem que não ſe alcança
ſereis em quem ſuſpira, & não merece.

Porem agora izentas da eſperança
ſois victima sómente que ſe offerece
por Amarillis, que nos Ceos deſcança.

O Doutor João Succarelo.

TIBI
Excellentiſsimo Domino
D. IOANNI RODERICIO DE SAA MENESIO,
Comiti Penaguiano,
Cubiculario Regio Maximo,
Bellici Concilij Senatori,
Sapientium Mæcenati Docto,
fortium Amico Fido,
litterarum Columini,
Togato Marti, Paludato Apollini,
Domi prudenti, circunſpecto, integro,
Belli Intrepido, Magnanimo, Acri,
In vtroque Cæſari,
Maiori adhuc.
Patriæ Aſſertori, Propugnaculo, Spei,
Ad ſumma Nato:
Has lacrymas
In funebri pompa, in parentali luctu,
D. D. MARIÆ DE ATTAIDE
D. Aloyſio de Attaide, & D. Philippa de Vilhena
Attouguianis Comitibus ortæ
impenſas,
Antonius Aloyſius de Azeuedo
D. D. C. Q.
Nullum tibi gratius fore munus exiſtimans,
quàm quòd tibi conciliaret dolorem,
Meritò
Dolendi modum ſupergreſſum

IN OBITUM ILLUSTRISSIMÆ

Vel sic,

Tali iacturæ non æquiparandum.

Fuit enim

Moribus antiquis virgo,

Pulchritudinis miraculum,

Charitum inuidia,

Prudentiæ exemplar,

Pudicitiæ speculum,

Aulicorum norma, Ingeniorum splendor,

Immatura annis, Matura virtutibus,

Aloysiæ Portugalliæ Reginæ Amor,

& nunc est

Omnium æternus dolor.

Absentiæ tormentum,

Suorum desideria,

Afflictæ mentis solatium,

Affectuum scopus,

Cælicolum delitiæ,

Conditionis humanæ Documentum,

Rapta terris, Reddita Superis,

Vigesimo quarto ætatis suæ anno,

vndecimo Kalendas Septembris,

Anno á partu Virginis M.DC.XLIX.

A Lusitania vindicata IX.

Amor

Fecit monumentum,

Epitaphium

Inscalpsit dolor.

Quisquis

QVisquis in hanc greſſus Peregrinus verteris vrbem,
Perlege in hoc ſaxo carmina ſcripta breui.
Sunt maiora tibi tumulo hoc ſpectanda viator,
Quam quæ magna oculis Terra videnda daret.
Terra Polus certant, Mariam ſibi quiſque tenere,
Tanta etenim in Maria eſt gratia, forma, pudor.
Lis magna exoritur, certatur vtrinque querelis,
Terra ſuam exoptat, Cælum amat eſſe ſuam:
Hoc tandem Omnipotẽs componit in ordine litem,
(Nam ſatis ad plures ſufficit vna preces.)
Cælũ animã dederat, ferat hanc ſuper æthera Cælũ;
Terra etiam, corpus quod dedit, ipſa ferat.

EPIGRAMMA.

CVm tua crudeles ruperunt fila ſorores,
Rupiſſent vtinam tum quoque fila tuis.
Sic minus abſterſo doluiſſent lumina planctu.
Nec foret ad lachrymas tam grauis iſte dolor.
At ſi fata negant tecum occubuiſſe ſepulchro,
Pro te noſter amor, dat petijſſe necem.

Antonius Aloyſius d' Azeuedo.

IN OBITUM ILLUSTRISSIMÆ

D. D. MARIA DE ATTAIDE,

Attouguiani Comitis filia.

Ex nobiliori Lusitaniæ gentis apice.

Aulæ delicium: amoris illicium.

Forma elegans: ætate florida.

Ingenio alacri; & ad aulicas facetias prompto.

Nondum annis fæmina;

Puellam tamen iudicio excesserat,

Lustrum numerabat quartum,

In longa virtutum serie.

Pietate nobilis; moderatione liberalis;

Ciuilitate comis.

O B I I T.

Sibi, duplici fænore;

Nobis, iactura multiplici.

In tanto animi, & corporis ornamento,

Fefellit spes temporeas:

Æternas adimpleuit;

Magno totius Aulæ, & bonorum omnium

Desiderio.

Multis omnibus iacenti deuinctus

Incidi iussit

Hoc elogium sepulchrale.

Addito tetrasticho.

Iudicium; ingenium; pietas; prudentia; forma;

Nobilitas; virtus conditur hoc tumulo.

Ergo quid ætherea cupidi modo quærimus aura,

cum tenebris iaceat quidquid in Orbe micat.

Doctor Gregorius de Pina.

Hic eſt
D. MARIA ATTAIDE
Illuſtri ſanguine genita,
In quam
Cælum, & Natura
Amicé conjurarunt,
Adeò
Vt nihil ſuprâ feciſſe putarent,
Nec factura crederent.
Elegantiam in ore,
Maieſtatem in vultu,
In moribus pudorem,
Comitatem in verbis
Poſuere.
Ingenio promptam,
Omnibus amabilem
Conformarunt.
Facile mortales vicit,
Sibi Superi timuere,
Interris ſibi arrogarat imperium,
Quid factura de Supero
Cælicolæ cogitabant.

IN OBITUM ILLUSTRISSIMÆ

Ne regnum raperet,
Immaturo fato præripuere
Florenti ætatè.
Doluit Orbis iacturam ſuam,
&
Struxit tumulum,
Ad luctus memoriam ſempiternam
addidit inſcriptionem
Hoſpes Anonymus,
Italus ſanguine,
Peregrinatione Indus,
Luſitanus amore.

D. Antonius Ardizonus
Theatinus Diuinæ Prouidentiæ.

ELOGIVM

ELOGIVM SEPVLCHRALE.

Pro Illustrissima D. Maria de Attaide potentissimi Regis Ioannis Quarti Aulica spectabili.

REfugit ingenium, hæret calamus,
Splendori cedunt,
Cui cedere splendor, venerari lumen.
Nouus splendor, & mirus,
Nouo solus in miraculo,
Quòd ad velatus illustret in occasu viuat.
Faciem aduelauit Legislator præ fulgore,
videndus à turbis:
Ad velatam ostentat faciem splendor nouus,
nec sic videndam præ fulgore.
Illustrissima hæc est Domina Maria de Attaide;
ambigo, an illa maioribus sit impertita,
an illi maiores illustre genus;
vtrisque maximum:
Maioribus tamen non cederet in iniuriam,
à tam illustri fœmina genus ducere illustrissimã, *A fœminis genus ducebant.*
Lycios imitantibus.
In ipso ætatis flore flos succisus, *Obijt in ipso ætatis flore.*
à pulchritudine crimen mutuatus:
Quis crederet?
Est quoque crimen pulchritudo,
si est vnica,

Vnicum

Vnicũ tamen crimen, vnicã criminaripulchitudinẽ.
Hæc palmam præripuisset,
Si Cereris Eleusinæ certamini interesset.
Debatur pulchriori.
In curia enutritus flos,
Flores æterni
in æternam translatus, quòd ætenus:
illius cultor Deus,
Vnicum sibi florem desumpsit vnicè curandum:
non erat in terris par cultor
ad tantam curam.
Incertus animi, an magis mirer.
Quòd florem mors raperet è rega,
vel quòd regia florem rapi sineret.
Æquo non fuit pede hæc regia pulsata,
protriuit inique florem in serta natum.
Dominica luce extincta
Die solis hic defecit;
Fallor:
Cuius terra non erat capax,
Cælum rapuit, vt caperet.
Augusto.
Augustior hinc Augustus mensis,
Regnat Sol in Virgine.
iam in Virgine regnat Sol.
Regno carebat Sol Regius,
functus regno in Virgine.
digna Regno.
Fatalis hora nocte.
Tenebræ factæ sunt super terram
laborante hoc Sole:
Scintillant Sydera, quia hunc norunt Solem suum:
Facibus appensis Cælo excipitur hic Sol.
Curtius lib. 3
Eo vel etiam augustior Rex Lusitanus Dario,

Quòd

Quòd hic Solis imaginem cristallo inclusam,
Noster Solem verum asseruaret:
Darius Solis imagine contẽtus felicitatẽ augurabatur;
felicitatem famulam noster habet in sole vero.
Persis præerat Sol exanimus,
Lusitanis animatus.

Lunam habuit sub pedibus Dei Genitrix Assumpta, *Virginis Assumptæ in octauo.*
quia hoc assumpta est amicta Sole.
Stylo aureo vocem duco exarandam auri lamina,
æternitatis æmula,
prolatam ab illustrissima matre ad balnea curante *Matris responsum ad Regem.*
Regis filium;
inuitata scilicet à Rege potentissimo,
vt consultum veniret filiæ laboranti,
â se filiam vnicè amari fassa,
Communem patriæ salutem in Infante Serenissimo, *Domino Alphonso.*
sibi præhabendam suæ prædicauit.
In eo Idomeneum Regem superasti
Fæmina illustrissima,
quòd filium pro sua, tu filiam pro communi
litasses salute.
Illè meritó patris patriæ titulo iectus,
tu plus meritó in Matrem patriæ adoptata;
proles tibi curæ est Regia,
tu Regno es curæ.
Sit fas aliquid maius de te dicere;
Regina mater salutareris,
absente prima, nunos conseruanda in Nestoreos:

fruere

fruere ergo titulo,
dum te fruitur Lusitania.
Funeralis pompa multa nocte.
Ducta in sepulchrum fuit nocte intempesta;
affulsit repente tempestas clara
in tumulum deferenda.
Lugubria sibi induit Orbis.
lugubrem pompam comitaturus.
Carpto tunc communi sopore per membra.
emortuus videbatur Orbis:
In hoc sedula natura,
vt cõmunem iacturam cõmuni lamẽtaretur interitu.
Ad tumulum præceps anteiuerat cæleste lumen,
eodem tumulandum cum terrestri,
Soldunorum ad exemplum.
Qui amicorũ fato comitabantur.
Viuam tenuit Vlyssippo
Euxobregas.
emortua seruatur suburbjs;
de felicitate contendun:.
Sub vrbanas dilicias iam habet Vlyssippo,
extra vrbem delata ad tumulum:
Æternum in mærorem sponte semet damnauit vrb
quòd vel inuita priuaretur hac vita.
Cineres recusauit,
quòd non abiret in fauillas,
illarum rogo.
Quæ in eam euolauerat felicitatẽ, vt teneret viuam;
non erat deprimenda, vt seruaret mortuam:
& quæ titulos præstauit viuæ Lusitanos,
Romanos non denegauit in funere.

Tagi

Tagi ad Ripas vrna sepulchralis;
& hinc illustrior, superbiorque,
quòd ad pedes reuolutus tuos.
Cadat venerabundus, vt surgat venerabilior.
Auri portat ramenta oblaturus,
Sequuto ab occidente Sydere,
in occasu iacenti tuo:
Dum te veneratur, superbus intumescit,
dum recedit à pedibus humilis se cõrtahit in alueum.
Orientis ob gemmas illustrissimus,
hac occidentis gemma illustrior;
illas prodigus elargitur,
hanc sibi reseruat auarus.
Cedit Oceano bis in luce æstuanti, eò ductus,
quòd ad tumulum toties tendat ad oratus;
imò cursum reprimit, & reuertitur,
vt adorantem comitetur;
Nec sat est semel, iuuat vsque reuerti.
In longissimum tempus translata iusta,
in longius transferenda,
si Albanis assentiremus,
apud quos, hæc iustò non egeret humana ope.
Parentatum tandem tibi est,
affluente regni corona:
Quam viuæ denegauit fors,
sera pœnitentia,
emortuæ tuos proiecit ad pedes:
Regni splendor affluxit auidus,

Prope Tagi tumulus.

Æstu recipit proco.

In duos fere menses.

A quibus nisi te peragebatur in, ex, præopinantibus humana ope, defunctis non esse opus.

vt a tuo lumine, vel in tumulo,
maiorem reportaret ſplendorem.
Splendidiſſimè tibi funeratum,
Regi à cæremonijs ſacris
ritu pontificio ſacris operante.
Etiam hoc munere functa es ſupremo,
ne tibi eſſet quid, quod non ſupremum:
hunc tibi reſeruauit honorem Pontifex,
reſeruatus Pontificatus ad maiores;
ſi quid maius expetendum,
poſt paractum in te munus.
Primum habuiſti de laudibus concionatorem.
in hoc vel etiam primum,
quod de te diceret.
Maximus Scipionem funere in ſupremo cõmendauit,
maiorem in tuo es experta.
Cabalinos fontes nouena turba
largius ſolito effudit,
ſpa gendos in Mauſoleum:
Non defuere Marones, quia nec Macenates
ſingulos inuideret Macedo, ſi vidæret.
Diuiſi qui plurimos bearent,
collectos beas.
Lege cautum apud antiquos,
ne marmora ſepulchralia certã excederent menſurã,
pro epiodijs exarandis;
in longiſsimam marmor excreſcat uum,
longius excreſcent epiodia:

Pontifex D. Emmanuel da Cunha.

Pater Antonius Vieira, à Regijs Cõcionatoribus

De illius laudibus mira poematũ affluentia.

Nullum

Nullum in tantum creſcet,
quod te capiat.

MARMORE EXARANDVM
æternitati.

HOc iacet in tumulo ſuperum cura vnica, ſedes
Pulchra pudicitiæ, nobilitatis honos,
Quidquid in arte ſua potuit natura: quid vltra?
Neu quæras, dolor heu! hic iacet orbis amor.
Maius adhuc iacet in tumulo, hæc es Attayda, nomen
Quod capit, & fama maius, & orbe fuit.

Cuiuſdam Patris Societatis IESV.

PA-

IN OBITUM ILLVSTRISSIMÆ

PATHOS

Super præmaturum Obitum Illustrissimæ virginis D. MARIÆ de ATTAIDE,

ex Gynæceo Serenissimæ LVDOVICÆ Portugalliæ Reginæ.

O Ccidit, hei Fati rabiem! Venus ipsa, Dearum
Princeps! ante suam Diua Puella diem
Occidit! hei Patriæq; vicem, iuuenūq; senūque,
Quorum olim requies, deliciumque foret.
Plangito, quidquid habet Lusitania! plange Dearum
Tu Chore, quem viduum functa MARIA facit!
Vos solæ gaudete niues —

Ioannes Fridericus à Friesendorf
Residens Suecia.

EPI-

EPITAPHIVM.

HOc iacet, & ſpirat Mariæ ſub marmore corpus,
Sed volat, & viuit, neſcia fama mori:
Fama, pudor, virtus, celebri certamine pugnant,
Ambigitur, palmam nulla referre poteſt.
Dinumerans annos cenſebat vita puellam,
Mors numerans laudes, cenſuit eſſe ſenem.

Comes Ericeyræ.

EPIGRAMMA.

DIc, cur Nympha Tagum prope ſit tumulata? (ille
Vt tibi queis poſsis flere, viator, aquas det
Heu perit! illa Tagũ tamen eſt prope clauſa ſepulcro:
Aptior ad tumulum non locus vllus erat.
Nam ſicut fluuij fluit vnda perennis, in iſto
Sic tumulo lachrimis quiſque perennis erit.

D. Pantaleon de Sà, & Meneſes.

EPIGRAMMA.

MOrtua Atayda iacet. Perijt Venus Aulica: mærent
Deliciæ, luget Gratia, flora gemit.
Ver perijt, decor omnis abest: fecundia cessit,
Et lux ingenij, flamma & amoris abest.
Hæc igitur Maria viua vixisse putandum est,
Quæ Maria extincta sic potuere mori.

ALIVD.

MOrtua quod Maria est: hospes ne irascere morti:
Iustior huic mortis altera causa fuit.
Nempe omnem viuens extinxerat illa decorem,
Ceu Phæbus radijs astra minora fugat.
Astra, Rosas, Gemmas, formæ obscurabat honore,
Fæmineum pulchro vicerat ore decus.
Iure igitur Mariæ properatum est funus: vt illa
Sublata reliquus viuere possit honos.

P. Fr. Franciscus S. Augustin.

EPITAPHIVM.

NObilitas iacet hic, sapientia, forma, venustas;
Tantum huc vsque necis non fuit imperium.

EPI-

EPIGRAMMA.

NVmen erat, quia pulchra Venus, quia docta Minerua,
Iuno quod regnans vtraque numen erat:
Tota tibi Venus in vultu eſt, ea gratia formæ
Plurima, quod ſapiens mente Minerua ſedet.
Nec te diſtituit Iunonis copia rerum,
Inter cælicolas quæ tibi ſceptra daret:
Ergo illis licuit ſi numine ſimplice fungi,
Nomine te triplici ter licet eſſe Deam.

ALIVD.

CVm Mariam terris florem concedat Olympus,
Conuerſa illa nitens indole, ſydus erat:
Permiſit terris, halat dum floris odores,
Sed poſtquam facta eſt Sydus ad Aſtra tulit.

ALIVD.

INſignis Mariæ dum forma laceſſit Olympum,
Et pugnam ingentem ſplendor vtrinque mouet;
Dum radios cogunt Phæbi ad certamina crines,
Frons Lunam, Cælum corpus, & Aſtra oculi;
Non tulit hoc Cælum, vinci non aſtra tulerunt,
Et pœnam ſumens Sol ſibi victus, ait:

Illa mea victa se de pulchredine iactat,
Occidam: illius vita triumphus erit.
En ego perpetuus; si tu me pulchrior extas;
Maior forma tibi, sed tibi vita minor.

ALIVD.

QVondã oculis hominũ Moyses Deus abstulit vrnã,
Vrnam diuino ne quis honore colat:
Proh dolor! & Mariam nostris subduxit ocellis,
Ne Mariam quisquam crederet esse Deam.
Gens erat illa rudis, populus tamen iste peritus;
Ipse sibi à Mariâ plus Deus ergo timet.

ALIVD.

PRodigium cur non tantum depascitur auras
Vltra? Cur vita fungitur ista breui?
Omnia nam numen suadent, frons, gratia, vultus,
Ingenium, mores, integra fama, decus:
Defuit ad numen, quod vulgo æterna putetur,
Cælum igitur quod non sit Dea, morte [roba

Ad illud Deuter.

Non cognouit homo sepulchrum eius.

MOysen morte haustum, Mariam sed hæc fruentem
Diuinam occuluit non sine mente Polus;

Heu

Hei quis diuinos vtrique impendat honores,
Errori potuit nam dare forma locum.
Cùm meritum ſemper minuat præſentia; & ipſis
Quæ non magna oculis, maxima fama ferat,
Ponendas Mariæ ſuperi, dum viueret, aras,
Et Moyſem indigitem non niſi morte timent:
Vt Deus, auditus Moyſes potuiſſet haberi,
Maria viſa tamen, ceu Dea culta foret:
Hæc maior; quam non timuit præſentia; ademptus
Ille; & ſic maior, quam fuit, ergo minor.

M A R I A

In morte non mutata.

EMoritur Maria, & vultus nec mutat, & ora;
Stat ſolitus color, & gratia, frontis honos:
Hoc igitur mirum; in reliquis quæ pallida ſemper
Mors erat; hæc vna mors quoque pulchra fuit.
Ipſis qui intererant, dubia eſt ſententia, ſit ne
Viuere mors viſa, an credita vita mori?
Dum mortis dubium, vitæq, examen, vtrumque eſt;
Mors viua, & vultu mortua vita ſuo?

Doctor Hieronymus Ribeyro.

EPITAPHIVM.

HOc Venus(heu!) tegitur, Iuno, atq; Minerua sepul-(chro,
Omnes vna ferens conditur Attaida.
Vna trium potuit victrix componere litem:
Vna trium numen claudit in hoc tumulo.
Extitit vna decor Veneris formosior ipsa,
Numen Iunonis, Palladis ingenium.
Ergo pulchra Venus, Iuno Regina, Minerua
Doctiloqua, en forma, numine, mente carent.

Vincentius de Gusman Soares.

EPITAPHIVM.

SIste viator: adest gelido hoc tumulata sepulchro
Non Amarillis, Honor, non Amarillis, Amor.
Præ lucens Aurora, suis sibi sola relucet
Iam Sol ex tenebris: mors ea vita fuit.
Sic vitam mirare, simul venerabere mortem,
Dumque docet moriens viuere; disce mori.

Doctor Didacus Gomes Carneiro.

EPIGRAMMA.

NYmpha Palatinis & flos, & norma puellis,
Cui Venus imperium subdidit, arma puer:
Cui soror ipsa Iouis diuinum frontis honorem,
Pallas & ingenij lumina, mentis opes:
Occidit, an stygio licuit redijsse Tyranno,
Vt sociam nostro ferret ab orbe Deam?
An satus Iapeto lucem subduxit ocellis
Virginis; æthereum dum putat esse iubar?
Nil horum. Reducem voluit sibi Iuppiter Heben,
Qua sine, mortalis vel Deus ipse foret.

ALIVD.

ILla, ne quæ fuerat generosa superbia sexus,
Atque eadem Lysij gloria prima chori,
Numen Acidaliæ, charitum decus, hospita Regum,
Nix oculis, animis dulce veneficium;
Tandem obijt? minime. Qualis lux aurea Solis
Nascitur Eois, conditur Hesperijs.
Haud aliter Mariæ lux alma fugacibus alis
Ad cognata redit Sydera, linquit humum.

Alexander de Figueroa.

EPITAPHIVM.

EMicat hic positi moles memoranda sepulchri
Pulchra, nimis, sapiens, castaque virgo iacet:
Non ea quam vanæ gentes coluere Mineruam,
Est alia, his sanè prædita nominibus.

Franciscus Ozorio.

EPIGRAMMA.

QVam tegit hoc marmor nimium fatale? Mariam,
Id mare, quã magnum est, tam breuis vrna capit!
Formosas inter perijt formosior, atque
Languet flos Lysiæ pulchrior Elisijs.
Luce caret, Solem generis quæ luce præibat?
Tam citò quæ meruit viuere, cur moritur?
Estne odium astris? sunt ne animis cælestibus iræ?
Credite, non fuit hoc ira, sed inuidia.

ALIVD.

CVr Mariæ pulchros oculos prædatur Olympus?
Adderet vt stellis sydera, prædo fuit.
Cur Solem è terris in Cælum transtulit? Vna
non sat erat Phebi luce micare Polum.

Pignoris orba sui Tellus dictauit Olympum:
Dum Maria in terra est, pauper Olympus erat.

ALIVD.

DE Cælo ne cadunt stellæ? Saltem vna refixa est;
Nescis? de Cælo stella Maria fuit.
Non mulier, fuerat Numen, vel Numine maior,
Lux, Anima, exanimis quæ iacet, orbis erat.
Informis Veneris facies, mens vana Mineruæ,
Nec par Iunoni nobilitas inerat.
In cineres abijt magnarum hæc summa Dearum,
Mors etiam dirum ius tenet in superos.

P. Ioannes Nunes da Sylua.

EPIGRAMMA.

QVem tumulum cernis, sic flāmis vndique cinctum,
Insignis corpus nobilitatis habet.
Vtque faces passim ceratas irruit ignis,
Omnia non aliter pectora flamma petit.
Quantum mollescit quæ cera exoluitur igne,
Ex oculis tantum labitur vnda pijs.
Omnes deposito tam tristi funere risu,
Dant lacrymas tumulo, dant pia signa foro.
Sed procul hinc dolor absit, nā si Amarillis in Astra
Vertitur, immerito pæna dolenda venit.

Nunc

Nunc modo quo ſydus veneris ſpectare ſolebat,
Vt traheret placidos æquore, nauta, dies:
Sic quærenda puto iam nunc Amarillidos aſtra
Vt tutam præſtent, per freta longa, viam.

Franciſcus Cabral d' Almada.

Ad multorum Epitaphia
EPICRAMMA.

FRigent Attaydæ laudes: ſed parce Poetis:
Quid poterant magnum dicere, ſi ipſa tacet?

ALIVD.

PRo tumulo incomptos mirari deſine verſus,
Sub tumulo totum conditur ingenium.
Viue iterum vt ſcribas, ne muto in marmore dormi
Sola potes tumulo ſcribere digna tuo.

P. Antonius Vieira è Societate IESV

EPICRAMMA
Ad hortulos tumulatur.

VNda Tagi niueo quà fluctibus irrigat agros,
Plurima poma virens hortulus vnus habet.

Hic

Hic pulchræ tumulus Mariæ fabricatur in horto,
Hoc etenim tumulum flos sibi pulcher habet.

P. Ignatius Barbosa è Societate IESV.

Ad multorum Epitaphia

EPIGRAMMA.

VNde tot ingenij flores, lux tanta? Reliquit
ipsa suum moriens vatibus ingenium.

Prope Tagum tumulatur.

Ad Cymbam prætereuntem.

Cymbula siste fugam. Remoræ nil vincula sentis?
Viueret hæc, classes sisteret attonitas.

Ad nautam præternauigantem.

Nauita siste ratem: vocat huc innoxia Siren,
Quæ monet illa breui carmine, mente tene.
Quid peritura petis? nam tandem allisa sepulcro
Quas petis effundet naufraga puppis opes.

Ad opificem sepulchrale marmor polientem.

Fac niteat marmor, nitor est quem quærimus. Vni
Fit Nymphæ tumulus, omnibus & speculum.

Aliud ad idem.

Par cunctis latet vna, patent in marmore cuncti:
Dic age, plus lapis hic tegit, an ne tegit?

Ad maris æstum.

Quo ruis vnda maris? Sub terra est Luna. Recede.
Non licet: hæc Luna est fortior: inde trahit.

P. Thomas Barthono è Societate IESV.

EPIGRAMMA.

QVi mortem incusas, & sæui funeris vrnam
Arguis authorem, non nego, causa fuit.
Verum pone iras, & causas funeris audi,
Inuenies sceleris funus habere nihil.
Iure sibi hoc munus Cælumque, atq; astra petebant,
Ius etiam terris, quo peteretur, erat.
Ergo litem ineunt, & vtrumque in lite laborat,
Iustitiam hinc tellus monstrat; & inde polus.
Sed mors discordes ne teram, atque astra videret,
Corpus humo, Cælo reddidit inde animam.
Lis decisa manet: partito hoc munere Cælum
Terraque felicem se putat esse satis.

ALIVD.

FLuminis ad ripas Attaidia conditur vrna:
Ad lachrymas comitem se dare flumen amat.

Fluminis

Fluminis ad ripas Attaidia conditur vrna:
Dirior hac Gemma quo foret vnda Tagi.
Fluminis ad ripas Attaidia conditur vrna:
Ad tumulum vitreas confecrat amnis aquas.
Fluminis ad ripas Attaidia conditur vrna;
Hanc cupit ad Dominam, non cupit vnda Thetim.
Fluminis ad ripas Attaidia conditur vrna:
Inuideat Cælo ne Tagus inde suam.
Fluminis ad ripas Attaidia conditur vrna:
Scilicet ad tumulum credita terra parum.

ALIVD.

COnde relucentes, Sol auree, conde nitores:
Natiuum occultent tegmina pulla iubar.
Poscéris in luctus, in funera poscéris Orbi,
Funera festiuus non decet atra color.
Te facies obscura decet: solaberis Orbem,
Si comes ad luctus nunc cupis esse suos.
Siste, ò, siste preces, qui me petis insere luctus,
Phebus ait, luctus hinc licet ire procul.
Sideris occasu si Sol sua lumina condat,
In tenebris totus protinus Orbis erit.

P. Laurentius Guedes è Societate IESV.
Rhetorices Ludimagister.

In obitu Illustrissimæ Heroinæ D. D. Mariæ de Attaide.

NÆNIA SEPVLCHRALIS.

POne triumphalem gladium mors inuida; florem
Qnid metis illustrem formà, claroque parentum
Sanguine? Quid iudicas meliori sydere regnum?
Quid species peregrina mali; quid corporis egit
Viuida maiestas, opulenta prima decoris.
An tenebris nocuere tuis? regnare nequibas
Obscuro imperio, nisi Sol hic tantus obiret?
Heu monstrum crudele! Aquilis raptricibus olim
Regina est nutrita? Lupæ, ceu blanda parentis
Vbera Romulidum primi censere? Sicano
Fortunam fabricentur apes, & longius æuum.
Ast Mariæ insultet mors improba! gaudia vertat
Lysiadum in luctus; nec tanto crimine pænas
Illa ferat? tanto exultet Lybithina triumpho,
Et regnum in lachrymas, & spes in tristia abibunt?
O florum stellara cohors, deponite vestrum
Quodcumque induitis prati iubar, aurea flentis
Auroræ fabrefacta manu diademata, plantis
Reginæ huic florum abijcite, & splendescere posthac,
Nec rosa, nec violæ, nec lilia pulchra velitis
Non etenim iam vester habet, cui iure sacretur

Splendor

Splendor in occasu Mariæ; vox ista per orbem
Tristis eat, sacro Mariæ incidenda sepulchro:
Hac florum decor, atque omnis flos conditur vrna.

P. Pantaleon Rangel è Societate IESV.

Prope ripas Tagi tumulatur.

EPICRAMMA.

MOrtua propter aquas tumulū sibi possidet; vrnam
Si nequit amplecti, cernere flumen amat.

EPITAPHIVM.

HIc tegitur columen patriæ, spes vna sororum,
Laus, splendor Veneris, faxque, decusq; domus.

P. Matthias de Andrade è Societate IESV.

EPITAPHIVM.

PErge hospes, tumulo sistens tumulaberis isto;
Siste hospes, tumulus vertere cogit iter.

Et iubet, & prohibet; dolor hinc, ſtupor inde; dolenti
Condole, & his lachrymis pronior adde tuas.
Ecquis in hoc rogitas, lachrymoſo marmore clauſus?
Docta ſimul Pallas, regia Iuno, Venus.
Hic eſt virtutum par nobile, cuilibet impar;
Hic pia nobilitas, nobilis hic pietas.
Hic Luſitanæ ſpes eſt vernantior aulæ;
Qua votis maior nulla, nec vlla minor.
Regni amor, Orbis honor, decus Attaidia gentis;
Deliciumque Poli, deliciumque Soli.
Hic extincta iacet ſpolium Cęlique, neciſque;
Cælum animum, corpus mors inimica tulit.
Hanc tantum terris fata oſtendêre; fuiſſet
Maius vt oſtentum, debuit eſſe breue.

P. Blaſius Pinto è Societate IESV. humanarum literarũ Magiſter 4.

EPITAPHIVM I.

ATraidam è terra rapuit Cælum: aſtra tenere
Nil maius, terra haud perdere maius habet.

II.

Nympharum Driadum, Charitumque, orbiſque, poliq;
Vnica in hoc tumulo conditur inuidia.

III.

III.

Sarcophago hoc tegitur prudentia, gratia, forma,
Nobilitas, pudor, & quidquid honoris erat.

IV.

Quas ſibi condat opes tumulus, ſtudioſe viator,
Si quæras, marmor perlege morte loquax.
Hic iacet illa, genus quæ claro à ſanguine ducens,
Floruit Attaidæ nobilitatis apex.
Quæ Venerem caſtâ ſpecie vincebat, inerti
Sub ſaxo aſtriferi ſpirat odore poli.
Palladis ingenio decorans pallatia Regum,
Dogmata plura aulam nunc taciturna docet.
Si non tam comis, ſi non tam vrbana fuiſſet,
Illa minus ſuperis inuidioſa foret:
Imputet ipſa ſibi felicibus inclita donis,
Quòd tam immaturo funere rapta fuit.
Humani fuerat Regis Pandora Ioannis,
Pandora æthereo ſit modo digna Deo.

Ad Palatinum Gynæceum

EPIGRAMMA I.

NObile nunc cautè ingenium retinete puellæ,
Nam perijt veſtri lux ſacra, menſque chori.

Quàm facilis lapſus ſine luce, & mente puellis,
Lux erat illa oculis, mens erat illa animis.

I I.

Aula quid illachrymas? Viuo ſine mente. Quid ergo
Si mente extinctâ cæſpitet aula frequens.

I I I.

Luſitana iaces ſub marmore Pallas? in aula
Te ſine ſi qua viget, ruſtica Pallas erit.
Mille ſales ridens fundebas, mille ſapores,
Seria mille, artes ars tua mille dabat.
Tecum lingua obijt Ciceronе diſertior ipſo,
Quàm meritò elinguis Curia tota ſilet.

I V.

Ad Tumulum.

O buſtum infauſtum! quo conditur Vrbis, & Orbis
Splendor, virtutumque omnium acerba cinis.

P. Ioannes à Sotto Maior è Societate
IESV. Grammatices
Ludimagiſter.

EPIGRAMMA.

CVr citò ferali Mariam importuna sepulchro
Intulit in vitæ limine Parca suæ?
Cur properans Mariæ Cloto immatura recidit
Stamina, nec longos neuit acerba dies?
Flos illa ob formam, flos credebatur ob annos,
Longaque non ætas floribus esse solet.

P. Franciscus Mendes è Societate IESV.
Grammaticæ Præceptor.

EPITAPHIVM.

ILlustris Iuuenis, Sapiens, & Pulchra Maria
Hic iacet. In cælum spiritus almus abit.
Et quam Regalis Dominam færè non capit aula:
Plusquam Reginam celsior aula capit.

Doctor Blasius Nunes Menhans
Medicus è cubiculo Regio.

FINIS.

LAVS DEO.

RES.
623 1 P.

RES.
6231 P.